

CURSO DE HISTÓRIA

Marília Guaragni de Almeida

**POR THEMYSKIRA E POR TODAS NÓS: O USO DOS QUADRINHOS NA
COMPREENSÃO DAS QUESTÕES FEMINISTAS E DE GÊNERO**

Santa Cruz do Sul

2016

Marília Guaragni de Almeida

**POR THEMYSKIRA E POR TODAS NÓS: O USO DOS QUADRINHOS NA
COMPREENSÃO DAS QUESTÕES FEMINISTAS E DE GÊNERO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Universidade de Santa Cruz do
Sul, como requisito para obtenção do grau de
Licenciando em História).

Orientador: Carlos Gilberto Pereira Dias

Santa Cruz do Sul
2016

Agradecimentos

Primeiramente Fora Temer. Segundo, quero agradecer a todos que, de alguma forma, se fizeram presentes neste trabalho. Seja por incentivos, compreensão, paciência e principalmente por acreditar que no final tudo daria certo. Quero agradecer aos meus amigos do coração, Brunos e Gustavo, que foram os maiores achados que a faculdade pôde me proporcionar, presentes, participativos e amáveis ao longo desses quatro anos de graduação.

Quero agradecer, e dedicar, este trabalho à minha mãe Ires, aos meus irmãos Lucas e Gustavo, que mesmo de longe se mantiveram perto, preocupados e enviando de longe boas energias, e nos encontros foram responsáveis por recarregar as forças da exaustão. À Daiane, minha parceira, amiga, companheira fiel, que mesmo nas piores horas não deixou-me abalar, ficando do meu lado com paciência e amor, seja na hora do silêncio, como na hora de corrigir concordância, fez toda a diferença e faz parte desse trabalho. Ao meu orientador e professor Carlos Dias, que teve paciência e embarcou junto nessa aventura no mundo das super-heroínas, essa arte!

As companheiras do Porto FC que, na alegria e na tristeza, foram cruciais para me fortalecer a enfrentar os desafios diários, me mostrando que é nas vitórias que tu ganha amigas, mas são nas derrotas que as verdadeiras permanecem. E mesmo não tendo um título neste ano, jogar com cada uma de vocês é a maior conquista.

Aos alunos, professores e funcionários da Escola Normélio Boettcher, que foram presentes nos meus dias, proporcionando que eu pudesse sair quando necessário, ajudando na minha formação. Como a todos os alunos, desde a pré-escola, até os já formados do 9º ano, que nas rodas de conversa sobre gênero me ajudaram a decidir meu tema de trabalho de conclusão.

Poderia ficar dias agradecendo, mencionando cada um que foi importante nessa caminhada árdua e extensa, mas isso não é necessário. Cada um sabe o quão foram importantes e essenciais nesses longos quatro anos. Eu agradeço, do fundo do meu coração, me sinto privilegiada de ter vocês em minha vida, amo cada um de vocês.

Resumo

Em tempos em que o feminismo está em ampla discussão midiática, onde ser bela, recatada e do lar tornaram-se características que levam personalidades para capas de revistas e as rotulam como padrão ideal; Em um momento que tal tema é retratado na prova mais importante do país e, ainda assim, o número de violência contra as mulheres aumenta gradativamente e diariamente. Aliam-se a fatos como esse, casos de assédio e abuso contra o sexo feminino que estampam diversos jornais, se vê, então, a gritante necessidade de falarmos sobre gênero e feminismo. O objetivo desse trabalho é problematizar a discussão de gênero e feminismo dentro das Histórias em Quadrinhos (HQ's) com o auxílio da revista norte-americana Ms. Magazine, considerada a primeira revista feminista. Isso porque nunca antes se encontra a utilização das super-heroínas como diferencial na compreensão do feminismo, e nas questões de gênero.

Palavras Chaves: Feminismo, Gênero, Super-Heroínas, Quadrinhos.

Abstract

In times when feminism is in broad media discussion, where being beautiful, demure and housewife have become characteristics that bring personalities to magazine covers and label them as the ideal standard; In a moment when this theme is portrayed in the most important test of the country and yet the number of violence against women increases gradually and daily. Allied to facts like these, cases of harassment and abuse against the female sex that are printed in several newspapers, it's seen then the glaring need to talk about gender and feminism. The aim of this paper is to question the discussion of gender and feminism within the Comics (HQ's) with the help of the USA magazine Ms. Magazine, considered the first feminist magazine. This because never before is found the use of superheroes as a differential in the understanding of feminism and in gender issues.

Key words: Feminism, Gender, Super-Heroines, Comics.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
1. O FEMININO vs FEMINISTA; ANTES DA REVISTA Ms.	13
2. CAPÍTULO: A HISTÓRIA DA REVISTA Ms. MAGAZINE	27
3. A IMPORTÂNCIA DAS SUPER-HEROÍNAS E DA REVISTA Ms. PARA A IGUALDADE DE GÊNERO	46
CONCLUSÃO	61
ANEXO A	64
ANEXO B	65
ANEXO C	66
ANEXO D	67
ANEXO E	68
REFERÊNCIAS	71

INTRODUÇÃO

Em tempos em que o feminismo encontra-se em discussão midiática, e o momento histórico remete ao padrão de mulheres belas, recatadas e dos lares, como exemplo de feminilidade a ser seguida. Onde é necessário retratar a persistência da violência contra a mulher no tema da redação da prova mais importante do país, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), percebe-se o quanto é necessário falar de feminismo de uma forma que se compreenda que, independente do gênero, homens e mulheres possuem os mesmos direitos.

É imprescindível que seja falado sobre o tema, visto que a historiografia pouco retrata a importância da mulher ao longo da história, o que, quando acontece, é contada pelos homens. Os quais acabam não valorizando adequadamente a figura da mulher.

Independente do momento histórico, as mulheres possuíram uma vida diária de obstáculos a superar. Seja na luta das sufragistas pelo voto, na necessidade de ocupar o lugar dos homens em períodos de guerras, na queima das bruxas na Idade Média¹, no acúmulo de tarefas, nos diversos abusos e na responsabilidade por carregar os filhos, entre tantas outras 'tarefas', que só com superpoderes para obter sucesso.

Para enfrentar todas essas adversidades é necessário ser uma super-heroína, e discutir a igualdade de gênero, aliado a uma fundamentação, se tornaria um poder. Existe uma urgência em mostrar que o homem e a mulher são iguais em direitos e deveres, diferindo-se apenas nas questões biológicas e nada mais.

Isto reforça que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que é baseado pelo poder masculino, rejeitando a ideia de áreas separadas, como também nos alude a uma possível relação social amena entre os dois sexos. Como por exemplo no consumismo, onde os cosméticos são próprios do gênero feminino e os carros especialmente do masculino. Esta é uma forma de construção das culturas,

¹ Caça às Bruxas, ver por MURRAY, Margaret. O Culto das Bruxas na Europa Ocidental: Madras, 2003;

adequando os papéis na sociedade conforme o sexo do indivíduo, aliado a necessidade capitalista da mídia² de vender.

Ao colocar um homem dirigindo um carro em uma propaganda, identifica-se a autonomia e liberdade, onde este é dono de suas escolhas. Diferente da figura feminina que se encontra estrelando propagandas de utensílios domésticos, alimentos e produtos de beleza. Caracterização esta que remete a mulher como símbolo do lar, dos afazeres e vaidosa para o homem.

Dentro disso, busca-se um comparativo entre o feminismo e as feministas, e o capítulo um traz a forma como aconteciam a relação dos ideais das mulheres antes da revista *Ms. Magazine*. Neste momento ocorre a apresentação das super-heroínas utilizadas, a Mulher Maravilha, a Mulher Gavião e a Mulher Gato. As personagens aparecem na história em um período bastante conturbado para as mulheres, e tem o objetivo de fortalecer essa presença feminina nos quadrinhos. Isso se dá pela necessidade de mostrar o lado feminino dos quadrinhos, em um período marcado pela feminilidade dentro da mídia, que voltava-se a beleza, casamento, status social, e receitas. Não possuía interesse de problematizar sobre o contraste de gênero.

Para compreender essa desigualdade de gênero, mulheres de diferentes épocas desenvolveram ideias para conquistar igualdade. Destaca-se as Ondas Feministas³, que se espalharam em alguns momentos da história fazendo parte de um conjunto de movimentos políticos e sociais, com ideologias e filosofias que possuíam objetivos em comum, como a busca por direitos iguais, por meio do empoderamento feminino, e a libertação de padrões opressores patriarcais baseados em normas de gênero, definidas por uma sociedade com raízes masculinas.

Desta forma é necessário ir contra a matriz patriarcal, utilizando todo o tipo de ferramenta para combater esses ideais que desqualificam o sexo feminino e se opõem a igualdade civil e social da mulher na sociedade. O uso de quadrinhos, através das personagens femininas, se mostra algo novo para a compreensão de toda a luta feminista em obter a similitude frente às questões de gênero tão presentes nos dias atuais.

² Cf. http://sfb-br.org/midia_o_que_e.htm acesso em: 5 de out. 2016. A mídia é uma expressão usada para designar veículos de um determinado sistema de comunicação social, como emissoras de Rádio e TVs, Jornais, Revistas e a Internet.

³ Ver HIRATA. 2009. Dicionário crítico do feminismo: Ondas Feministas refere-se a diferentes momentos em que as mulheres uniram-se em prol de lutar por seus direitos. São divididas em três ondas, que ocorrem ao longo de três momentos distintos da história, subsequentes.

Tanto o feminismo, como as super-heroínas se viram obrigadas a superar os receios da sociedade quanto a sua importância. Nas páginas coloridas, surgiram mulheres cheias de poderes e belezas, primeiro com o objetivo de agradar ao público masculino. Com seus uniformes colados ao corpo, valorizando as curvas bem desenhadas, elas não passavam de meras coadjuvantes das histórias centrais dos heróis masculinos. Compara-se a história das mulheres, onde a sua importância ficava atrás da masculina, que condizia apenas com o interesse que os autores possuíam.

Tanto as primeiras heroínas dos quadrinhos, como a Primeira Onda⁴ do Movimento Feminista, surgiram em meados da década de 1940. A Segunda Onda⁵ alia-se ao desejo de ressurgimento das super-heroínas, que haviam caído no esquecimento⁶. E o terceiro momento, que pesquisadoras feministas aliam à Terceira Onda⁷ do Feminismo, coloca as Super-heroínas e Supermulheres em seu maior momento de destaque, no momento histórico atual. Cita-se mulheres eleitas a presidência, em cargos superiores, com melhores salários e com a escolha de ser o que desejar. As heroínas ganham destaque tanto nas revistas em geral, como nas séries, no cinema e nos quadrinhos, mostrando que os dois campos podem se completar ao engajar a luta do feminismo por igualdade dos gêneros⁸.

Como forma de introduzir os ideais feministas dentro da sociedade americana, surge na década de 1970, a primeira revista de cunho feminista, a *Ms. Magazine*⁹, que se propôs falar sobre o feminismo popular¹⁰. O objetivo principal era colocar a mulher como ela é, com diversas ferramentas para combater todo tipo de desigualdade de gênero que elas pudessem vir a encontrar em seu dia a dia, seja no trabalho ou em seus lares. A revista, ainda, tinha como meta unir o maior número de mulheres em prol da causa feminista, com matérias sobre todo tipo de mulher, e os diversos problemas encontrados por elas. Cita-se a legalização do aborto, a busca por salários

⁴ Primeira Onda tem sua origem referida principalmente ao final do século XIX com as lutas das mulheres em busca do sufrágio feminino, o direito universal ao voto.

⁵ Segunda Onda iniciou-se próximo a década de 1970, com o objetivo de combater a desigualdade cultural e política das mulheres.

⁶ Ver PINTO, Celi Regina Jardim. Feminismo, história e poder. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

⁷ Terceira Onda tem seu objetivo marcado a corrigir o que veio a dar errado nas ondas anteriores. Sua data é marcada pelo fim dos anos de 1980 e início dos 90 e se dá até hoje.

⁸ Idem.

⁹ *Ms. Magazine* é uma revista totalmente voltada ao feminismo, tendo em sua edição apenas mulheres falando sobre o assunto.

¹⁰ Feminismo Popular referia-se a um movimento que chegaria a todo o tipo de mulher, atendendo suas necessidades.

equivalentes aos dos homens, a divisão de tarefas, o abuso sexual, orientação sexual e tantos outros temas jamais tocados em revistas femininas.

Outro fator que alia tanto a revista como as super-heroínas é a não necessidade de uma figura masculina. Tanto uma como a outra buscava liberdade e autonomia para mostrar as demais mulheres que todas seriam capazes de enfrentar os monstros diários da desigualdade com as próprias ideias, bastava a união. Tudo isso era transformado em matéria ou história.

Ambas as ferramentas uniram-se para desconstruir o padrão de submissão feminina, vestindo o uniforme ou o avental. Proporcionando dicas, sugestões e uma forma da mulher mostrar o seu valor em uma sociedade que a via apenas como dependente do masculino. Colocando a super-heroína, e a mulher, como tópico de discussões em bares, restaurantes, filas e principalmente em escolas. Formando a oportunidade para meninos e meninas usarem adereços de heroínas, sem se importarem com o gênero. Para Michel Foucault¹¹ a sociedade é baseada em relações de poder, que ao longo das mudanças históricas foram modificando-se, para assim impor e disciplinar os indivíduos conforme as ideias de quem estava no controle social. Como no caso do gênero, os homens sempre estiveram com o domínio em suas mãos, dirigindo os rumos da sociedade conforme seu interesse. Mas para Foucault, com as diferentes mudanças foram realizadas novas adaptações para o poder dominante continuar no controle da situação. Este mesmo poder pode ser transformado conforme a sua complexidade ou simplicidade. Atualmente, a mídia acaba por colocar grande influência no pensamento humano, submetendo os indivíduos a pensar como se deseja¹².

Esse poder que falamos é invisível aos olhos, mas consegue adquirir grande força conforme sua disseminação, que, com o aparato da internet e da televisão, se torna amplamente fácil de chegar em todos os cantos do mundo. O poder ao mesmo tempo é indelicado e intenso, mas passa a propagar ideias imperceptíveis e agradáveis.

Em uma sociedade patriarcal que propaga a violência contra a mulher, e incentiva a misoginia, se vê a necessidade de modificar as relações de poder. Inverter o foco da discussão, de isentar o criminoso e culpar a vítima pelo crime. Abrir os olhos

¹¹ Michel Foucault foi um filósofo, historiador, teórico social, filólogo e crítico literário, suas teorias se voltam as relações de poder e conhecimento e a forma como são usados para o controle social.

¹² Cf. FOUCAULT. Microfísica do poder, 2013.

para os casos de assédio, abuso, discriminação e preconceito a mulher, assim como informar o quanto o feminismo é necessário e importante na sociedade.

O segundo capítulo identifica a *Ms. Magazine*, uma revista americana de cunho feminista, que surgiu com o intuito de intensificar o feminismo, e ser uma ferramenta para mostrar as mulheres o outro lado da figura feminina. Revista está que se construiu em um momento conturbado da história das mulheres, e que teve de se adaptar ao meio capitalista para conseguir chegar ao maior número de leitoras.

Tanto a revista *Ms. Magazine*, como as Super-heroínas podem ser um diferencial para modificar a relação de poder do masculino sobre o feminino, para que assim se consiga uma igualdade moral e social entre mulheres e os homens, sem essa opressão que encontramos diariamente na sociedade. A história das mulheres está presente desde o momento em que o homem surge, e é necessário colocá-las no mesmo patamar, ou seja, homens ao lado das mulheres¹³.

O terceiro e último capítulo trata-se de um aparato geral dos anteriores, mostrando um comparativo de como utilizar tanto a revista como as super-heroínas para debater o feminismo, e assim utiliza-los como ferramenta para discutir a igualdade dos gêneros feminino e masculino. Fazendo um comparativo entre alguns exemplos atuais de desigualdade de gênero, e momentos onde o feminismo é indispensável.

O uso dos quadrinhos na compreensão das questões feministas e de gênero se mostra um caminho apto ao objetivo de facilitar e auxiliar na propagação dos ideais feministas. Iniciado com as primeiras ondas, mesmo com correntes opostas, ao invés de enfraquecer, o movimento feminista se refez, para superar as adversidades e corrigir os erros e, assim, construir uma nova história das mulheres, colocando a igualdade a cima de qualquer outra questão¹⁴.

Como fontes, se tem tanto a revista *Ms. Magazine*, como os quadrinhos das super-heroínas, a Mulher Maravilha, a Mulher Gavião, e a Mulher Gato. Utilizando como metodologia a análise dos quadrinhos e da revista, com exemplos de falar sobre feminismo. Colocando diálogos dos HQs, as capas, a evolução dos uniformes, a submissão das heroínas em algumas fases, como também sua evolução autônoma conforme as mulheres se viam menos dependente dos homens. Os métodos serão

¹³ Cf. PEDRO. Historicizando o gênero, 2008.

¹⁴ Cf. ALVES; PITANGUY. O que é feminismo? 2007.

voltados a observação, identificação e questionamento sobre formas de discutir o feminismo, debater a igualdade de gênero, e facilitar a conversa sobre o tema¹⁵.

O trabalho foi dividido em duas partes, a Empírica, que foi a busca pelo material, sendo este, tanto dos quadrinhos como das revistas em si. Como ainda uma análise das edições utilizadas, sendo de forma qualitativa. Esta análise foi baseada no conteúdo, como apoio metodológico. A segunda parte foi baseada em analisar algumas edições da revista, como dos quadrinhos, para assim formar o corpo da temática sobre feminismo e gênero.

Outra fonte preciosa para o desenvolvimento do trabalho foram as capas, tanto da Revista *Ms. Magazine*, como dos Quadrinhos das Super-Heroínas. Para que assim ocorresse a comparação das evoluções das histórias, após a criação da *Ms. Magazine*.

¹⁵ Ver SANTOS. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços.2010.

1. O FEMININO vs FEMINISTA; ANTES DA REVISTA Ms.

Como podemos contar a história das mulheres sem que ela seja marcada pela submissão, dependência subjugada ao patriarcalismo? Até a década de 1970, não era comum a presença das mulheres como referência na história, mesmo tendo personagens marcantes ao longo da história como Christiane de Pizan¹⁶, Anne Hutchinson¹⁷, ou Simone de Beauvoir¹⁸. O marco da defesa dos direitos das mulheres acaba por fortificar-se, mesmo, é na década de 70. Entretanto, correntes na busca por igualdade entre os gêneros feminino e masculino existiram no final do século XIX e início do século XX, denominadas como a primeira onda do feminismo, tinha como principal luta o direito jurídico ao voto, o sufrágio feminino¹⁹.

A história retrata o sexo feminino sempre sujeito ao masculino, voltado ao lar, aos filhos e ao marido. Todavia, as mulheres se fizeram presentes, também, em diversas revoluções e batalhas, muitas vezes fazendo parte do front, ou sendo peças chave para a organização social e, mesmo assim, ficaram sempre a sombra dos homens.

Anterior a primeira onda do feminismo, mas sempre presente no dia a dia das mulheres, encontramos os defensores do “feminino”. Define-se como “feminino” tudo o que se relaciona ao sexo feminino e suas necessidades diárias, sendo estéticas ou para um maior conforto. O período de 1970 nos mostra um avanço no número de revistas, especiais, materiais domésticos e publicações em geral, que tiveram um amplo crescimento no âmbito do próprio movimento feminista, um indo ao encontro do outro.

Os dois movimentos se mostram diversos ao longo do tempo. Um prioriza a feminilidade da mulher, e tudo que possa valorizar a delicadeza e a suavidade. Já o feminismo, buscou a recreação da identidade do sexo, de forma independente, onde o indivíduo não precisa seguir a hierarquização dos termos feminino/masculino. E que,

¹⁶ Christiane de Pizan foi uma poetisa e filósofa italiana que viveu na França durante primeira metade do século XIV conhecida por criticar a misoginia.

¹⁷ Anne Hutchinson foi uma pregadora e dissidente religiosa puritana na Inglaterra do século XVI, responsável por organizar um encontro semanal no qual as mulheres se juntavam para debater o sermão.

¹⁸ Simone de Beauvoir foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa, do século XX, conhecida por seu trabalho *O Segundo Sexo*.

¹⁹ Cf. ALVES; PITANGY. *O que é Feminismo?* 2007.

assim, o feminino não seja desvalorizado quando colocado em parâmetros iguais ao masculino.

Para o movimento feminismo, o feminino não seria o oposto da causa, pois as correntes e lutas do movimento buscavam a igualdade entre a homens e mulheres. No momento que uma mulher fosse do lar, isso aconteceria por vontade dela, e não por imposição do homem ou da sociedade.

A corrente feminista carrega uma marca que não é destinada de um só processo, mas se dá por consequências de diferentes fatos ao longo das épocas. Não se tem uma predeterminação de onde irá chegar, e faz parte das tentativas de libertação ao longo dos anos que a sociedade patriarcal exige.

Já o feminino se direcionava ao tratamento das mulheres, seja com produtos de beleza, materiais domésticos no geral, utensílios pra a cozinha ou roupas. Já para os homens, carros, bebidas, cigarros ou viagens. Neste sentido, podemos entender o papel das mídias no sentido de reforçar esse estereótipo pautado no consumo²⁰

Até a chegada da revista feminista *Ms. Magazine*²¹, as demais revistas direcionavam-se quase exclusivamente a esse tipo de mulher, donas de casas, mães de família e esposas. Retratavam receitas para agrado dos homens, cremes de beleza milagrosos, materiais para facilitar a limpeza doméstica, apetrechos voltados à uma cozinha mais bonita, e sucessivamente, fortalecer a cultura patriarcal que as mulheres estavam acostumadas.

O teor da mídia em geral buscava fortalecer o lado feminino das mulheres, e, assim, deixar em segundo plano seus direitos e vontades. Era comum encontrar nas capas de revistas, tanto na primeira onda do feminismo como na segunda, lindas modelos, que faziam o padrão a ser seguido. Além desse modelo incentivado, que não condizia com a maioria das mulheres, existiam diversas formas de opressão quando o assunto era o sexo feminino. Isso acontecia na falta de reconhecimento das lutas e do descontentamento da classe feminina²², pelos homens.

É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo

²⁰ Cf. PEDRO; *Historicizando o gênero*, 2008.

²¹ *Ms. Magazine* considerada a primeira revista feminista.

²² Classe Feminina é um conceito utilizado por Gloria Steinem, coo-fundadora da Revista norte-americana *Ms. Magazine*, o termo é utilizado em algumas matérias da revista.

processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias. (ALVES; PITANGUY. 2007. p.07).

Por coincidência, a década de 1940 é marcada pela criação da maioria das personagens femininas em revistas em quadrinhos. Stan Lee, escritor, editor e empresário americano, responsável pela criação de diversos personagens do gênero masculino para a publicadora de quadrinho Marvel Comics²³, em entrevista ao site marvel.com se questionava no início de sua carreira: “Poucas garotas leem quadrinhos porque eles são voltados para um público masculino ou eles são voltados para um público masculino porque poucas garotas os leem?”.

Este questionamento de Lee acabou tendo fortes respostas ao longo da década de 40, com a criação de diversas personagens femininas para os quadrinhos. Podemos citar como primeira, e de maior destaque, a Mulher Maravilha no ano de 1940, a Mulher Gavião em 1941, ou a anti-heroína a Mulher Gato em 1942, as três da DC Comics²⁴. Foram personagens criadas para colocar a feminilidade das mulheres junto com a coragem e virilidade dos homens e, assim, atrair as meninas pelo espaço ganho, e os meninos pela beleza e caracterização que colocavam nas heroínas.

Com acontecimentos como a Grande Depressão (1929), e a Segunda Guerra Mundial (1939–1945), as mulheres se viram obrigadas a assumir um papel importante na sociedade, substituindo a mão de obra masculina nas fábricas, para manter o sustento de suas famílias como nos serviços gerais das cidades. Isso acaba refletindo na publicidade em geral, seja em anúncios com imagens de mulheres em diversos trabalhos antes realizados por homens, ou até mesmo na presença feminina dentro das HQs²⁵.

A primeira super-heroína a surgir foi a *Wonder Woman*²⁶, traduzido para o Brasil como o nome de Mulher Maravilha. Criada por William Molton Marston²⁷, norte-americano que teve a percepção dos quadrinhos como uma mídia de potencial que

²³ Editora americana de quadrinhos e mídia relacionados de ampla circulação mundial, com inúmeros super-heróis e super-heroínas.

²⁴ DC Comics é uma editora norte-americana de histórias em quadrinhos e mídias relacionadas, detentoras dos direitos das super-heroínas utilizadas neste trabalho.

²⁵ HQs refere-se a Histórias em Quadrinhos.

²⁶ Wonder Woman, traduzido no Brasil como Mulher Maravilha.

²⁷ William Molton Marston foi um psicólogo americano, teórico, inventor, e escritor de quadrinhos, criador da super-heroína Mulher Maravilha. Responsável também pelo desenvolvimento do projeto do detector de mentiras

influenciaria o pensamento crítico da sociedade. A Mulher Maravilha serviria como figura afirmativa do poder das mulheres²⁸.

Esta super-heroína criada em um viés de defesa e poder das mulheres, foi denominada com a identidade secreta de Diana Prince, uma amazonas de Themyscira²⁹, conhecida também como Ilha do Paraíso, um refúgio possuidor da bênção dos Deuses do Olimpo. Uma ilha habitada totalmente por mulheres, onde a presença masculina não era bem vinda e nem aceita. Foi neste lugar, totalmente “feminista”, que a super-heroína nasceu, talvez com uma referência a ilha de Lesbos na Grécia.

A Mulher Maravilha é considerada a mais feminista das super-heroínas pela forma que ela surge, sem possuir a presença masculina em sua concepção. A história nos remete que Diana foi esculpida no barro pela Rainha das Amazonas, Hipólita, que apaixonada por sua escultura, pediu aos deuses que dessem vida a figura criada por ela e seu pedido foi atendido. Junto com a vida, os deuses também lhe proporcionaram várias habilidades, a força de Hércules, a sabedoria de Atenas, a velocidade de Hermes e a beleza de Afrodite. Diana se tornou a princesa Amazonas, a mais poderosa guerreira de Themyscira³⁰.

Sua primeira aparição nos HQs aconteceu na revista All Star Comics³¹ #8 de dezembro de 1941, nos Estados Unidos, que contava as aventuras da Sociedade da Justiça da América, com participação de heróis como Doutor Destino, Spectre, Sandman, Atom, Flash, Lanterna Verde e Hawkman, considerados uma espécie alternativa e inferior à Liga da Justiça. Com o sucesso da aparição da super-heroína, ela ganhou sua própria revista em quadrinhos em maio de 1942, nomeada como Wonder Woman #1.

Em um momento histórico em que o mundo dos quadrinhos era estritamente do domínio dos homens, a editora DC Comics era baseada e mantida pelo sucesso dos personagens masculinos como Superman, Lanterna Verde e Batman. Com um ponto de vista masculino de seus criadores, e voltado ao público de meninos, os heróis de quadrinhos relegaram às mulheres o papel de apoio materno, esposa, amiga e vítima à espera de salvamento. Essa foi considerada a Era de Ouro dos Quadrinhos

²⁸ Cf. WESCHENFELDER; Filosofando com os Super-Herois, 2011.

²⁹ Themyscira é uma ilha-nação ficcional no Universo DC localizada na Grécia.

³⁰ Cf. WESCHENFELDER; Filosofando com os Super-Herois, 2011.

³¹ All Star Comics é o primeiro quadrinho da editora DC Comics, lançada originalmente em abril de 1938. Tendo como seu primeiro herói o Super-Homem, ou Homem de Aço.

(1930 a 1940), onde vivia-se uma ascensão. Mas as mulheres não apareciam primeiramente como super-heroínas, pois apresentavam tipos característicos: enfermeiras, modelos, datilógrafas, jornalista, escritoras e etc, e a Mulher Maravilha foi um contraponto a este domínio masculino nas páginas de HQs³².

Nem mesmo as meninas querem ser meninas tanto tempo como o nosso arquétipo feminino que carece de força, dominação e poder. Não querendo adotar esse arquétipo, não querem ser submissas, amantes da paz como as boas mulheres são. As fortes qualidades da mulher tornaram-se desprezadas por causa de sua fraqueza. A solução óbvia era criar uma personagem feminina com toda a força do Superman, mais todo o fascínio de uma mulher boa e bonita. (Marston, William Moulton: Entrevistador Olive Byrne. Nova Iorque: Family Circle, 1940).

Buscava-se a afirmação do sexo feminino dentro dos quadrinhos, e com o sucesso das primeiras publicações da Mulher Maravilha, os autores resolveram investir em mais personagens femininos. Podemos citar outra super-heroína de forte impacto ao longo do tempo, a Mulher Gavião, conhecida como Chay-Ara, tem sua origem no Antigo Egito e uma sucessão de reencarnações até os dias atuais. Criada pela dupla de escritores norte-americanos Gardner Fox e Dennis Neville, teve sua primeira aparição no HQ de Flash Comics #1³³, em janeiro de 1940, não como super-heroína, apenas como uma arqueóloga. Veio a utilizar a identidade de Mulher Gavião em 1941, no All Star Comics #5, mas sem grande destaque. Esta é uma das grandes personagens femininas da DC, mesmo tendo uma história confusa, ela foi muito importante em alguns arcos, se tornando até mais popular do que o Gavião Negro, seu masculino nos quadrinhos³⁴.

A história da super-heroína é contada conforme a história do mundo segue, sendo retratada na antiguidade, idade média, até os tempos atuais. Isso gera uma participação mais intensa e real na vida dos leitores, trazendo uma proximidade e cativando os fãs. A Mulher Gavião possui super-força, poder esse que incorporado com a tecnologia concede a ela o poder de voar. Ela é uma especialista em armas, na maioria armas brancas, mas geralmente carrega uma massa feita de metal e uma arma de dardos. Diferente das outras personagens de quadrinhos, Chay-Ara foi

³² Cf. IRWIN. Super-Herois e a Filosofia, 2009.

³³ Flash Comics #1 é a revista de um super-heróis da DC Comics que possui super-velocidade.

³⁴ Cf. OLIVEIRA. Mulher ao Quadrado, 2007.

exposta a radiação que, combinada com sua maldição da reencarnação, faz com que ela seja quase imortal.

Essa discussão sobre a inclusão de personagens femininas dentro do universo dos HQs foge dos padrões mais comuns do ramo, que costuma ser de homens brancos, jovens, heterossexuais. E esse é um dos pontos de partida do porquê é necessário mais super-heroínas.

Uma menina que cresce com representações de mulheres reduzidas às funções de mãe, dona de casa ou objeto sexual, sempre dependente de um homem, aprende que é isso que se espera dela, e termina restringindo suas possibilidades como pessoa. (KOEHLER. Festival Internacional de Quadrinhos, 2015).

No momento que as personagens femininas apareceram nos quadrinhos e nas telas, imaginou-se um universo mais aberto às mulheres. Entretanto, isso não aconteceu. A criação das super-heroínas na década de 1940 retratou muito da sexualização do corpo da mulher. Todas, sem exceção alguma, eram caracterizadas com roupas justas, que valorizavam o corpo feminino. Sem esquecer que o padrão de beleza que as super-heroínas possuíam era de pernas torneadas, cintura fina, cabelos longos e sedosos. E isso se juntava a uniformes que valorizavam extremamente o corpo. Não faltam esforços para retratar a anatomia da ala feminina, mas não pode se dizer o mesmo da atenção dada às histórias delas — mesmo quando escapam do clichê de serem namoradas dos heróis³⁵.

Uma personagem que acaba por quebrar esse rótulo de super-heroína, e se aproxima mais do viés anti-heróico — que vem a ser a personagem modelo caracterizada por ter vocação heroica ou realizar justiça por motivos egoístas, pessoais, vingança, vaidade ou qualquer outro gênero que não sejam altruístas — é a Mulher Gato, personagem importante na história de um dos maiores e mais famosos nomes da DC Comics, o Batman.

Criada por Bill Finger e Bob Kane, teve sua primeira aparição na edição número #1 de Batman, em 1940, no qual ela é conhecida apenas como "A gata", depois passando a ser conhecida como Mulher Gato. Um fato interessante sobre a Cat Woman³⁶, é a forma como é retratada em alguns momentos. Hora ela é vilã e

³⁵ Cf. OLIVEIRA, Mulher ao Quadrado, 2007.

³⁶ Cat Woman traduzido para o português como Mulher Gato.

adversária de Batman, hora é mostrada como uma anti-heroína. Ela é conhecida por ter esta relação complexa de amor e ódio com o Homem Morcego, e tem sido o interesse amoroso mais duradouro do personagem³⁷.

Como nome de Selina Kyle, sua primeira aparição foi como uma ladra que utilizava chicote para roubos e como forma de escalar para suas fugas. Por muitos anos a personagem prosperou, mas a partir de setembro de 1954 a novembro de 1966, Mulher Gato teve um hiato prolongado devido ao recente desenvolvimento de censura.

Senti que as mulheres eram criaturas felinas e os homens eram mais como cães. Quando os cães são fiéis e amigáveis, os gatos são legais, individual, e não confiáveis. Eu me senti muito mais quente com cães em torno de mim - os gatos são tão difícil de entender como as mulheres são. (KANE, 1940).

A Mulher Gato possui o feminismo enraizado na forma como ela se porta com a sociedade. Ela é uma vilã que cria laços para se favorecer. Na busca por não depender de ninguém, a autonomia e solidão fazem parte da sua personalidade. A Mulher Gato sempre quebrou barreiras, e até mesmo alguns padrões, tanto nos quadrinhos quanto em suas adaptações para a televisão e cinema. Na década de 1960, a personagem foi encarnada por uma atriz negra estadunidense, algo até então pouco pensado e executado³⁸.

Como toda arte, as histórias em quadrinhos também refletem seu tempo, de modo que retrata as mulheres na mídia. Todas elas, nessa época, foram criadas por roteiristas e artistas do sexo masculino para um público essencialmente masculino. Isso acaba por influenciar diretamente na forma como as super-heroínas são desenvolvidas em suas histórias através do tempo.

William Moulton Marston, criador da Mulher Maravilha foi pioneiro no assunto super-heroínas. Para ele, como disse em entrevista à Action Comics³⁹, a personagem era o tipo de mulher que deveria governar o mundo. Entretanto, Marston não se mostrava defensor dos ideais das mulheres. Em uma carta direcionada à Maxwell Charles Gaines, responsável por fundar o que se tornaria a DC Comics, disse: "O encanto das mulheres é que elas gostam da submissão". Uma frase como esta, em

³⁷ Cf. WESCHENFELDER. *Filosofando com os Super-Herois*, 2011.

³⁸ Cf. OLIVEIRA. *Mulher ao Quadrado*, 2007.

³⁹ Cf. GRANT MORRISON IN THE THICK OF THE "ACTION COMICS". *Comic Book Resources* (em inglês). Consultado em 7 de out de 2016. Action Comics é uma revista em quadrinhos publicada pela editora norte-americana DC Comics.

um momento em que as mulheres estavam sendo colocadas no campo quadrinística⁴⁰ já mostra como seria as primeiras edições das publicações⁴¹.

A misoginia⁴² não se manifestava apenas pela opinião dos autores e criadores das personagens. Se tem a ideia de que as mulheres não estão nas páginas dos HQs para representar e dar vez às mulheres, mas sim para agradar e dar vida aos fetiches do sexo masculino. De modo que serviriam de ornamentação, e nunca como enredo principal ou substituindo os super-heróis.

A forma como o mundo via as super-heroínas, como elas eram tratadas e em que momento elas se encontrariam no mesmo patamar dos demais heróis era e é algo bastante esperado por todos os fãs de quadrinhos. E isso se dá não só pela Mulher Maravilha, mas também pela Mulher Gavião ou a Mulher Gato, como entre tantas outras que fizeram o movimento feminista ter mais força junto aos demais super-heróis.

Ainda, a questão de gênero é um ponto a ser levantando. Isso se faz na influência da busca por igualdade que as super-heroínas acabam por realizar ao terem suas revistas próprias, filmes, bonecas, roupas e diversos acessórios comercializados.

O aspecto histórico da heroína se dá pela caracterização da mulher de uma forma até então pouco pensada, tanto a Mulher Maravilha, como a Mulher Gavião, Canário Negro, Mulher Gato e outras aqui não citadas, funcionam como uma forma de caracterizar a mulher de um modo desconhecido até então. Enfoca-se na superação, força, autodefesa, inteligência, astúcia, mostrando-a como heroína central das histórias e não mais como frágeis, indefesas e totalmente dependentes dos homens.

Alia-se o fato identitário inspirado em mulheres reais para criar nelas o próprio espírito guerreiro. Se tem a ligação entre a Princesa Chay-Ara com a personagem histórica Cleópatra, onde ambas tem origem egípcia e fazem parte da elite. Como a Mulher Maravilha retratando as Amazonas, e a vivência sem os homens, e a mulher americana no período das Guerras, sem a presença masculina em seus lares. Como ainda a Mulher Gato no período em que os Estados Unidos da América enfrentaram suas crises, esta obrigando-se a viver na circunstância de crise econômica sem o

⁴⁰ Ref. a quadrinhos ou a quadrinista.

⁴¹ Cf. IRWIN. Super-Herois e a Filosofia, 2009.

⁴² Cf. Dicionário Aurélio, Misoginia é ódio ou aversão às mulheres.

poder aquisitivo masculino como auxílio. A imagem dos quadrinhos assume papel de linguagem, que pode ser interpretada adquirindo o sentido do contexto social onde se encontra.⁴³

Um historiador que nos ajudou a compreender melhor a participação das mulheres, mesmo sem ter se dedicado a tal assunto, foi Marc Bloch, com a obra *O ofício do historiador*, onde coloca que se pode pensar o passado não só pelas questões do presente, mas observar outras fontes, sendo estas narrativas. Os quadrinhos podem ser uma ferramenta útil e proposital para o feminismo conseguir uma maior representatividade.

Existe uma batalha que retrata o feminino vs o feminismo, e as super-heroínas tentam conciliar os dois. Isso se dá por elas serem carregadas de características extremamente femininas, como os uniformes nos mostram. Como também assumem a causa das mulheres ao enfrentar os males da sociedade, vão à luta e enfrentam vilões de igual para igual aos super-heróis.

A história das mulheres não é colocada lado a lado com a dos homens, e isso se reflete principalmente se formos analisar o passado. Existe uma separação feita pelos historiadores, em que se dá apenas com o reconhecimento da história das mulheres e ponto. Entretanto, para considerar essa história ela deve ser escrita por mulheres e não pelos mesmos que escreveram a história dos “homens”, já expondo uma diferenciação. Isso nos remete à necessidade de análise não só da vivência masculina e da participação feminina no passado, mas sim a relação entre o decorrido e a história do presente, e a forma como ela é retratada⁴⁴.

Ao ler “mulheres”, “história das mulheres”, “presença das mulheres”, “onde estão as mulheres” ou “o que fizeram as mulheres”, acaba por apregoar uma posição política e destaque a um momento histórico onde as mulheres não são consideradas sujeitos históricos⁴⁵.

O década de 1940 foi um momento de inclusão do feminino dentro dos quadrinhos, um campo amplamente masculino. Isso se retrata nas primeiras aparições, nas primeiras edições e nas próprias evoluções das personagens. Isso reforça a ideia que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, e que sucessivamente é baseado no masculino, rejeitando a ideia de áreas separadas,

⁴³ Cf. WESCHENFELDER. *Filosofando com os Super-Herois*, 2011.

⁴⁴ Cf. ALVES; PITANGUY. *O que é Feminismo?* 2007.

⁴⁵ Cf. ALVES; PITANGUY. *O que é Feminismo?* 2007.

como também nos alude a ideia de relação social entre os dois sexos. Então, elas devem estar no campo dos HQs e possuem os mesmos direitos que os homens, isso vai desde vilões, como os superpoderes, como apetrechos e demais conquistas que os heróis adquirem ao longo do tempo.

Esta é uma forma de indicar a construção de culturas, adequando os papéis na sociedade conforme o sexo do indivíduo. O que acarreta de forma mais intensa à necessidade de distinguirmos a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos as mulheres e aos homens. O uso de “gênero” enfatiza todo um sistema de relação que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade. (SCOTT, 1995, p.76).

Na década de 40 a Mulher Maravilha foi concebida para ser um símbolo da luta feminina. A Mulher Gavião tinha como objetivo ser uma mulher imortal ao longo da história, representando a presença feminina durante a história. E a Mulher Gato, uma insígnia de nenhuma necessidade do sexo masculino para a sobrevivência. Elas, unidas com tantas outras super-heroínas criadas neste período, são os primeiros passos para a busca da autonomia do feminismo frente à corrente do feminino da cultura patriarcal que o mundo vivia.

Essa onda de super-heroínas pelos anos de 1940 alia-se à corrente da primeira onda do feminismo e os ideias que ela trazia, e desde sempre foram o símbolo da luta das mulheres. A criação das personagens possuía a intenção de converter a submissão das mulheres para os homens. Ao utilizar a figura feminina nos quadrinhos se direcionava aos direitos femininos, fortalecendo as mulheres que conquistavam o espaço em um campo antes dominado pelos homens.

Em um mundo dilacerado pelo ódio e guerra dos homens, aparece uma mulher a quem os problemas e as façanhas dos homens são mera brincadeira de criança, uma mulher cuja identidade é conhecida a ninguém, mas cujas sensacionais feitos são destaque em um rápido movimento mundial! Com uma centena de vezes a agilidade e força dos nossos melhores atletas masculinos e os lutadores mais fortes, para mostrar o certo e errado! – Com a velocidade de Mercúrio e da força de Hércules -ela é conhecida apenas como a Mulher -Maravilha, mas que ela é, e de onde ela veio ninguém sabe! (MARSTON. Sensation Comic#1 dez, 1941).

A colocação do feminismo nas páginas dos quadrinhos por Marston possui uma interpretação não tão feminista, acaba por sugerir que a Mulher Maravilha foi destinada exclusivamente como um modelo que encoraja a autoconfiança das

garotas. Proporcionando a ideia de que estava escrevendo uma revista feminista, mas não para as mulheres, e sim voltando-se para agradar ao público masculino, sem a defesa da presença das mulheres junto aos HQs de forma a valorizá-las.

Recentemente, a DC Comics revelou o segredo que os leitores da Mulher Maravilha sempre foram predominantemente masculinos, chegara-se a estimar que 90%. Um fato como este se alia que a nona arte⁴⁶, os quadrinhos, sempre foram direcionados aos meninos.

Um fato que devemos lembrar é a participação da Mulher Maravilha e da Mulher Gavião na Liga da Justiça — primeiro grupo de super-heróis nas histórias em quadrinhos, que estreou em All Star Comics #3, no ano de 1941 — que iniciaram como secundárias no grupo. A Wonder Woman era secretária da Sociedade da Justiça, portanto não participava das missões da Liga que eram realizadas apenas pelos homens. Ela só passou a ser personagem principal próximo aos anos de 1960. Já a Mulher Gavião, nem fazia parte da Liga da Justiça, passando a fazer parte somente nos anos 70⁴⁷.

A Mulher Gato não é citada aqui, por não ser considerada uma heroína. Ela possui um caráter duvidoso ao longo das publicações, seja nas edições do Batman, da Liga ou na revista própria que possui. Mas isso não a coloca em segundo plano na busca pro igualdade entre mulheres e homens nos quadrinhos.

Mesmo tendo pouca representatividade e autonomia direta, a criação e a implantação das mulheres como heroínas com superpoderes, e não mais como apenas vítimas e esposas frágeis, acabou por gerar uma oportunidade de destaque para as mulheres em um campo pouco desbravado até então. A história das super-heroínas acabou por mostrar a importância das meninas observarem alguém parecido consigo nos quadrinhos e, mais para frente, na tela da TV e do cinema, representando ali uma infinidade de possibilidades.

Personagens como a Mulher Maravilha, a Mulher Gavião, a Mulher Gato e as demais acabam por proporcionar uma nova visão, e uma possível oportunidade de que as mulheres deixem a submissão masculina e passem ao protagonismo de suas vidas. Uma menina que cresce com representações de mulheres reduzidas às funções de mãe, dona de casa ou objeto sexual, sempre dependente de um homem,

⁴⁶ Cf. <http://quadro-a-quadro.blog.br/por-que-quadrinho-e-a-nona-arte/> acesso em: 23 de out. 2016.

⁴⁷ Cf. <http://www.dccomics.com/> acesso em: 25 de out. 2016.

aprende que é isso que se espera dela, e termina restringindo suas possibilidades como pessoa. Ao ver uma heroína estampar uma revista, combatendo o crime e o mal da sociedade, essa mesma menina passa a ver uma chance de não repetir a história de suas antepassadas.

Entretanto, devemos ter plena consciência que não foram somente pontos positivos que fizeram parte dessa criação e participação feminina nos quadrinhos. Muito se dá pela época em que foram criadas e as demandas que eram esperadas dela.

A expansão do feminismo dos anos 1970 em diante acaba por fortalecer as super-heroínas em suas histórias, como vice e versa. Ao utilizar dessa corrente feminista nas páginas dos HQs, as heroínas ultrapassam as revistas, fazendo-se presentes com a força e a coragem que as mulheres adquirem para enfrentar o preconceito e a falta de reconhecimento das causas defendidas.

O feminismo buscou se organizar de múltiplas frentes, expressando-se através de vivências de cada mulher, para incorporar as lutas que deveriam ser travadas. Isso se dá pela forma hierárquica como nossa sociedade é formada, sempre colocando um indivíduo versus o outro. Digam-se homens versus mulheres, brancos versus negros, pobres versus ricos, sempre um opressor contra o oprimido ou o grande contra o pequeno⁴⁸.

A partir disso, buscou-se a recreação da identidade do sexo, de forma independente, onde o indivíduo não precise seguir a hierarquização dos termos feminino/masculino. Assim como era esperado que o feminino não se desvaloriza-se quando colocado em parâmetros iguais ao masculino.

Que as diferenças entre sexos não se traduzam em relações de poder que permeiam a vida de homens e mulheres em todas as dimensões: no trabalho, na participação política, na esfera familiar, etc... (ALVES; PITANGUY. 2007, p.10).

As personagens fazem parte de um universo em que a ficção se adapta e se integra ao contexto histórico das épocas em que se encontram. A divisão por “Eras” — Era de Ouro é considerada o surgimentos dos super-heróis, a Era de Prata passa a ser um momento voltado mais a ficção científica e a Era de Bronze, que é a mescla

⁴⁸ Cf. ALVES; PITANGUY. O que é Feminismo? 2007.

das duas anteriores — acaba por mostrar as facetas dos momentos que o mundo vivia. Como também as expressões e opiniões dos autores, que repassam ao público seus valores e frustrações de uma sociedade, e até mesmo deles próprios⁴⁹.

As personagens citadas marcaram diferentes épocas e representam a importância do papel da mulher dentro da sociedade, assim como a gradativa importância que elas foram ganhando. Aos poucos saem da sombra dos super-heróis, deixam de serem meras auxiliares, perdem a fama de sexo frágil, e passam a conquistar seu espaço como membro integrador e ativo dentro das histórias, da mesma forma em que na vida real as mulheres iam conquistando seu próprio espaço na sociedade.

As histórias em quadrinhos foram um importante instrumento para a discussão sobre a diferença de gênero na sociedade. Colocando homens e mulheres como possíveis iguais nas páginas dos HQs, impactavam na sociedade em que circulavam.

A década de 1940 é marcada pela presença de uma das maiores feministas da história, Simone de Beauvoir, que escreveu o livro “*O Segundo Sexo*”, onde denuncia a desigualdade sexual em uma análise profunda, relatando a questão biológica, a psicanálise, o materialismo histórico, os mitos, a história e a educação. Para Beauvoir, o homem necessitava se afirmar através do sexo feminino, colocando-o como objeto dependente e submisso.

Ser menina refere-se à obediência, passividade e dependência, já o menino tem sido ensinado a ser agressivo, competitivo, ativo e totalmente independente. Rótulos são colocados antes mesmo de a criança germinar, criando, assim, uma naturalização da inferioridade da mulher muito antes de ela vir a nascer⁵⁰.

Ao utilizar as mulheres em HQs, começa-se a pensar se realmente o masculino tem vantagem sobre o feminino, e se realmente existem as diferenças que colocam as mulheres como inferiores.

Mesmo não tendo uma trajetória de destaque desde o primórdio, a presença feminina já foi um ponto de destaque para as mulheres na escrita da sua própria história. Não se obteve a igualdade nas páginas, nem na divulgação e nem nas próprias histórias logo de cara, mas já se pode ver um crescimento no pensamento a respeito das mulheres. Criou-se uma ideia de que a mulher poderia ser uma super-

⁴⁹ Cf. KNOWLES. Nossos Deuses são Super-Herois, 2008.

⁵⁰ Cf. PEDRO. Historicizando o gênero, 2008.

heroína de sucesso, tanto quanto os homens, e que se unidos poderiam ser um fenômeno de vendas e de fãs pelo mundo, sem ser classificado pelo gênero, mas sim pelos talentos e virtudes que desenvolveram ao longo das histórias e tramas. Como assinala Bolton:

Os homens sentiam um grande respeito por elas. A maioria não sabia se deveria sentir medo ou admirá-las. O fato de haver mulheres com força igual ou superior à dos homens, e que ainda os tratavam como seres descartáveis, era um pouco assustador. (BOLTON. 2004, p. 132).

A década de 60 mostra outra frente de luta, além de direcionar-se a desigualdade de direitos – político, trabalho, civil –, começa a questionar as raízes em si da desigualdade de gênero. Aqui se indaga a dita inferioridade “natural” da mulher, onde homens e mulheres estariam predeterminados, pela sua natureza, a cumprir papéis opostos na sociedade. O homem seria o detentor do papel externo, e a mulher do interno. Análises assim nos conferem a ideia da hierarquização que a sociedade vivia.

2. CAPÍTULO: A HISTÓRIA DA REVISTA *Ms. MAGAZINE*

Encontramos, ainda hoje, em pleno século XXI, matérias intituladas “como manter um relacionamento”, “como agradar um homem na cama” e “decore sua casa com estilos próprios para cada mulher”. As manchetes direcionadas ao público feminino nos anos de 60, 70 e 80 possuíam o mesmo teor, a única diferença era a mulher realmente ser obrigada a seguir esse fortemente influenciado pela mídia, por conta do empoderamento empregado na sociedade.

Após a primeira onda do feminismo, no final do século XIX, que teve seus principais acontecimentos até a década de 40, a segunda onda começou a se formar em meados de 1960, tendo seu ápice durante toda a década de 1970. O período trazia o patriarcado mais forte que nunca, e isso refletia nas revistas e demais meios de comunicação direcionado ao sexo feminino da época.

As revistas direcionavam-se para “mulheres donas de casa e boas esposas”. Com uma mídia voltada à submissão feminina, as mulheres buscavam formas de mostrar a opressão que sofriam.

Foi, também no começo da década de 1960, que a frase “Liberação das Mulheres”⁵¹ ganhou destaque e adeptas. Este lema começou a ser utilizado nos Estados Unidos, e tornou-se o desejo essencial que o movimento feminista tinha para o futuro do sexo feminino. Após a primeira onda feminista, que possuía o sufrágio feminino como principal luta, mas que ainda criticava os contratos matrimoniais que não incluíam os interesses e sentimentos das mulheres, a segunda onda feminista passou a repreender a ideia de que as mulheres teriam satisfação apenas em cuidar dos filhos e do lar, e estar sempre à disposição do marido. Esta nova observação incendiou o cenário social, invadido por mulheres que queriam trabalhar, sustentar-se, ser respeitadas com igualdade de capacidade e adquirir o direito de possuir as rédeas de suas próprias vidas⁵².

Historicamente, quase sempre, as mulheres ocuparam posições abaixo dos homens, sendo submissas e até mesmo consideradas equivalentes aos escravos. Uma das poucas histórias que retrata a mulher como dona de si é a das amazonas,

⁵¹ A frase "Women's Liberation" ("Liberação das Mulheres") foi usada pela primeira vez nos Estados Unidos em 1964, e apareceu pela primeira vez impressa em 1966, na Ramparts, uma revista americana ilustrada.

⁵² Cf. SCOTT. Gênero uma categoria útil de análise histórica, 1995.

pois, na mitologia grega, elas eram as integrantes de uma antiga nação de mulheres guerreiras, que estavam totalmente desligadas da necessidade do sexo masculino. Uma exceção frente a uma história contada por homens, aos homens⁵³.

A segunda onda estava disposta a não seguir os parâmetros impostos pela sociedade patriarcal, que estava enraizada no sistema social do mundo. É nesse cenário que talvez uma revista de cunho feminista conseguiria fazer esse papel, chegando a todo o tipo de mulher, proporcionando uma realidade diferente do que a maioria delas estava acostumada a vivenciar.

Foi a trajetória dos movimentos de mulheres feministas de “Segunda Onda” que questionou parâmetros herdados e definiu identidades que inicialmente foram formuladas nesses movimentos sociais, depois apropriadas pelo debate acadêmico, e mais tarde questionadas. (PEDRO. 2008, p. 164).

Com seu início nos Estados Unidos, o *bitch session*, também conhecido como “feminismo radical”, era a reunião de grupos formados por mulheres com a propagação dos ideais feministas de uma para a outra. Isso veio a acontecer por volta de 1966-67. Estes encontros aconteciam informalmente e passaram a constituir a base do movimento de “Libertação da Mulher”.

A criação desses grupos tinha como objetivo unir as mulheres em prol da solidariedade entre as mesmas, com o intuito de assim fortalecer o movimento e instituir a coletividade. Estas mesmas mulheres, que agora participavam desta mobilização feminista, já haviam se envolvido em diversos movimentos sociais, como igualdade racial, luta por direitos civis e contra a ditadura, entre tantos outros.

O movimento das mulheres feministas se deu no momento da “segunda onda”, onde ocorreu uma maior identificação das diferenças entre “mulher” e “homem”, de uma forma universal, saindo da generalização de apenas da figura masculina.

Um episódio que marcou o ano de 1970, e o início das lutas por direitos iguais dos gêneros, foi a ocupação da redação da revista *Ladies' Home Journal*⁵⁴ — que teve a sua primeira edição em 16 de fevereiro de 1883 voltado ao público feminino —, onde militantes ficaram por onze horas exigindo a criação de uma creche para as funcionárias, melhores salários e que a equipe passasse a ser formada exclusivamente por mulheres. Em consequência, resultou em oito páginas com

⁵³ Cf. ALVES; PITANGUY. O que é Feminismo? 2007.

⁵⁴ *Ladies' Home Journal* é uma revista norte-americana do ano de 1883.

tópicos do movimento feminista, o que acabou por proporcionar à centenas de mulheres aspectos de conscientização a respeito do movimento feminista que crescia⁵⁵.

Vindo ao encontro à corrente feminista que se espalhava pelos Estados Unidos, um grupo de feministas da segunda onda, formado por ativistas e escritoras como Gloria Steinem, Dorothy Pittman Hughes, Letty Cottin Pogrebin, Mary Thom, Patricia Carbine, Joanne Edgar, Nina Finkelstein e Mary Peacock, resolveu por tirar suas ideias feministas do papel e colocá-las em prática. Essas mulheres foram as responsáveis por criar a primeira revista totalmente feminista.

Além de ter seus ideais voltados para a luta da causa feminista, a revista seria totalmente voltada às mulheres, escrita e editada por estas. Seu editorial seria somente composto por mulheres, e suas publicações, anúncios e temas voltados apenas para o sexo feminino.

Intitulada *Ms. Magazine*, a revista buscou tratar a mulher sem um status pré-definido pela sociedade. O termo *Ms.* era utilizado por secretárias que não desejavam mostrar sua identificação pelo relacionamento que possuíam, pois nos EUA se trata de *Miss.* aquelas ditas senhoritas, que passam a ser *Mrs.*, ou senhoras, quando casadas.

A *Ms.* foi a primeira revista comercial americana a assumir uma concepção feminista sem hesitação, voltando-se para assuntos antes não mencionados nas revistas que se nomeavam como sendo para mulheres. Neste caso pode-se citar assédio sexual no trabalho, violência doméstica, estupro conjugal, direito ao aborto e ao planejamento familiar, participação política e igualdade de gênero perante a lei, remuneração justa, patrocínio para atletas mulheres e homossexualidade⁵⁶.

Por se tornar uma revista de ampla circulação, a *Ms. Magazine* acaba por se parecer com as demais da época. Trazia uma capa colorida, um que outro anúncio, letras grandes e o padrão seguido pelas tradicionais dos anos 70. Entretanto, as editoras deixavam claro que o objetivo da revista era sugerir que a forma de melhorar a vida das mulheres não era ensinar como segurar o seu homem, mas sim de refugar o patriarcado, incentivando a independência e a luta contra os papéis sexuais pré-definidos pela sociedade.

⁵⁵ Cf. FERREL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo*. 1998.

⁵⁶ *Idem*.

Esta análise passa pelas publicações da *Ms.*, que teve sua primeira circulação no ano de 1972 e sua última edição comercial em 1989, e passa a examinar as facetas do feminismo que foram construídos dentro das tensões que existiam na revista norte-americana. Neste ponto já se pode adiantar que não foi apenas uma, mas diferentes as formas de propagação dos ideais feministas em uma época marcada pela luta por igualdade de gênero. É a partir desta análise que retiraram-se as escolhas, lições e consequências que este meio de comunicação veio a ter frente ao feminismo, tanto em âmbito positivo, quanto no negativo⁵⁷.

Ao se formar, a revista se objetivou a seguir o caminho popular, de ser vinculada aos leitores de todas as formas, como também aproximar a comunidade feminista das que nem sabia da existência deste movimento.

No momento que a revista *Ms. Magazine* deu início aos trabalhos, também foi o momento que se nomeia o ressurgimento do feminismo. Isso se dá pelas constantes manifestações em prol das mulheres e pela maior participação da classe feminina na busca por direitos. Isso acontece pelo apoio que as mulheres proporcionavam às causas das minorias, como movimentos das mulheres negras, estudantis e alistamento não obrigatório, entre outros. Ao fazer parte destes movimentos, as envolvidas perceberam o quanto a opressão se fazia presente quando o assunto se referia ao sexo feminino.

Outro ponto que se alia à necessidade de um veículo de informação com o feminismo, é a percepção de inferioridade que as mulheres tinham com o recorrente esquecimento que a mídia, e tantos historiadores, ao não divulgar a militância feminina em prol dos direitos igualitários. Diversos grupos se formavam, mulheres articulavam-se para mostrar ao mundo a sua importância dentro da sociedade sem conseguir nenhum reconhecimento por parte das mídias. No momento que a história retira a figura feminina e a sua importância, o futuro será destinado a observar a mulher como mera peça de uma sociedade dominada pelos homens e subjugada à inferioridade perante estes⁵⁸.

Com uma mídia voltada à submissão feminina, as mulheres buscavam formas de mostrar a opressão que sofriam. Nos anos de 1960 à 1970 meios de difusão de informação direcionava-se às donas de casa e boas esposas, com temas como dicas

⁵⁷Cf. <http://msmagazine.com/> acesso em: 10 de out. de 2016.

⁵⁸ Cf. FARREL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo*, 1998.

de moda e receitas culinárias, entre outros relativamente necessários para ser uma mulher exemplar, no padrão estabelecido pela época. Fatos estes que caracterizavam como seria uma consumidora em potencial, mesmo possuindo revistas voltadas às solteiras com “consciência de estilo” e as relações com o sexo masculino. Podendo-se citar as conhecidas revistas *Vogue*⁵⁹ e *Cosmopolitan*⁶⁰, nos anos 60. Mesmo não sendo totalmente direcionadas às donas de casa, acabavam por fortalecer a visão de mulher “do lar”⁶¹.

Mesmo sendo o movimento feminista de fortes lutas, variando de acordo com o momento histórico que favorece a causa, mas principalmente no âmbito socioeconômico, se agrupava em quatro itens a serem discutidos: sexualidade, violência, saúde e ideologia⁶².

No que se refere a sexualidade, por exemplo, existe uma contenção sobre o tema, onde a mulher se vê limitada para se expor. Entra neste quesito questões como a segurança de paternidade que está ligada à atividade sexual feminina, e até mesmo à tabus e proibições que são colocadas como forma de valorizar ou não uma mulher. Ainda, fala-se em honra e moral, onde se volta a limitar a sexualidade feminina, conforme a opinião dos homens⁶³.

Temos também a sociedade feminina submetida a escolhas governamentais que dizem respeito a seus corpos – isso se dá por políticas demográficas. O país precisa crescer? Procrie. O país está em crise populacional? Não tenha mais filhos.

O movimento feminista denuncia a manipulação do corpo da mulher e a violência a que é submetido, tanto aquela que se atualiza na agressão física – espancamento, estupro, assassinatos – quanto a que o coisifica enquanto objeto de estudo. (ALVES; PITANGUY, 2007, p. 60).

O objetivo principal é desvincular a sexualidade da função biológica, colocando a mulher como dona do seu corpo e, sucessivamente, da sua sexualidade. Sem que o governo ou a sociedade se veja como detentora dos direitos de cada mulher. Aqui

⁵⁹ *Vogue* é uma revista feminina norte-americana de moda publicada desde 1892 com grande influência no mundo.

⁶⁰ *Cosmopolitan* é uma revista feminina publicada desde 1886 nos Estados Unidos.

⁶¹ Cf. FARREL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo*, 1998.

⁶² Cf. ALVES; PITANGUY. *O que é feminismo?* 2007.

⁶³ Cf. SCOTT. *Gênero uma categoria útil de análise histórica*, 1995.

se pode citar principalmente a questão do aborto, e a sua legalização, pois a principal afetada é a mulher, sendo que esta nem possui direito de escolha.

Falar de escolha na segunda onda do feminismo era sinônimo de ir às ruas em protestos. Isso ocorria pela falta de apoio, no pouco interesse que as grandes revistas demonstravam ter pela causa, ou até mesmo pela falta de proximidade das idealistas femininas com as demais mulheres que se encontravam em condições submissas aos homens, quanto as ideias propagadas pela mídia.

Esse conjunto de meios de comunicação utilizava as mulheres para fazer seus lucros crescerem. Além de vulgarizar e tirar proveito do consumismo que se baseava na lucratividade que o sexo feminino acarretava. Quanto mais divulgavam os produtos nas páginas de diversas revistas, mais chances das mulheres adquirirem.

Os canais midiáticos, neste caso as revistas femininas, favoreciam e destacavam a preferência por mulheres brancas, deixando as mulheres negras de lado. Isso se alia não só a forma pejorativa de ligar a mulher ao consumismo, como também coloca as mulheres negras em segundo plano, dando a entender que as mesmas não conseguiriam comprar o mesmo número de revistas que as mulheres brancas.

A mídia viu no movimento feminista uma forma de lucrar em cima de uma causa social. A maneira com a qual ela tramou esses lucros foi “criando” feminista de edição⁶⁴. Tem-se exemplos como Glória Steinem, Kate Millett e Betty Friedman — coo-fundadoras da revista *Ms. Magazine* — que acabaram por escrever para jornais e revista para falar sobre o tema feminismo, facilitando o trabalho daqueles que antes teriam que dirigir-se às ruas ou aos movimentos para escrever sobre o tema. Entretanto, o caso a se destacar aqui é o de Glória Steinem, que, mesmo sendo uma criação do meio de divulgação de informação, para falar de feminismo, acabou por aderir a causa e tornando-se uma das fundadoras da revista *Ms. Magazine* na década de 70⁶⁵.

Por conhecer o ramo midiático, Steinem fez o que era pouco provável na época para as mulheres defensoras dos seus direitos. Ela resolveu criar uma revista feminista que estivesse vinculando informações, com o intuito de mudar a forma dos

⁶⁴ Feministas de Edição era o termo utilizado por diversos jornais e revistas para nomear as mulheres defensoras da causa que trabalharam primeiro em periódicos que não eram voltados ao feminismo. Elas eram responsáveis por escrever sobre o tema, participar de passeatas, lutas e manifestações no lugar dos homens.

⁶⁵ Cf. FARREL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo*, 1998.

editores pensarem, não evitando qualquer tipo de contato com os grandes meios de comunicação em massa. Essa seria a *Ms.*, uma revista com uma nova visão para as mulheres, das próprias mulheres. Pois na opinião da própria Gloria Steinem, e em sua vasta experiência, não se pode ter uma revolução sem a imprensa, e as mulheres sabiam disso⁶⁶.

Muito dessa percepção de necessidade se dava pela distorção das notícias a respeito dos protestos e das manifestações feministas com um viés totalmente vulgarizado.

O primeiro objetivo da revista era chegar ao maior número possível de mulheres, para, dessa forma, mostrar que não estavam sozinhas e que de alguma forma todas estavam conectas. Todas desejavam a mesma coisa, ter o direito de ser mulher.

Os nomes mais fortes da *Ms.* conhecidos até hoje são o de Glória Steinem e o de Dorothy Pittman-Hughes, que, desde o princípio, tomaram frente ao projeto de criar e divulgar uma revista onde somente mulheres trabalhassem. Para que isso funcionasse, elas tiveram de ir atrás de investimentos que não mudassem a ideologia da revista, que era retratar os paradigmas que as mulheres enfrentavam ao longo de suas vidas⁶⁷.

Tanto Steinem como Hughes buscavam uma forma de colocar o empoderamento feminino, étnico e social no rumo do mundo. No ano de 1971 fundaram a “*Women’s Action Alliance*” – organização que criou os primeiros abrigos para mulheres vítimas da violência doméstica – com o objetivo de auxiliar as mulheres que necessitavam de apoio e ajuda emocional. Ambas são a face do movimento feminista da revista *Ms. Magazine*, escritoras e feministas assumidas⁶⁸.

A edição zero da *Ms.* esgotou-se de uma forma que nem a mais otimista seria capaz de imaginar, com a formatação e uma linguagem que lembrava as revistas femininas, mas com a substituição do padrão de beleza de mulheres sensuais e esbeltas por mulheres do dia a dia. Além de expor mulheres com panos de prato, ferros de passar, espanadores em mãos como se fossem armas para criticar a cultura patriarcal que viviam, a revista buscou substituir matérias de maquiagens, unhas e

⁶⁶ Cf. FARREL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo*, 1998.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Idem.

roupas por aulas sobre mecânica, mente e economia, para mostrar às mulheres todas as atividades que elas podem realizar. O que o próprio nome da revista já remetia⁶⁹.

Os temas também faziam todo o diferencial para com as demais revistas. A *Ms.* ia além, proporcionando às mulheres formas de libertar-se do patriarcado. Temas como revolução sexista, liberdade da mulher e amor lésbico nunca antes foram tocados dentro dos canais midiáticos, e agora estavam circulando por um número exorbitante de lares ditos tradicionais.

A fuga dos clichês das revistas femininas se deu através de suas páginas de uma forma além do ideal de independência do feminismo ou das demais causas feministas, mas buscando compilar das mulheres aos homens, passando pelas crianças, idosos, animais e afins. A *Ms.* desejava uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

A *Ms. Magazine* foi uma tentativa de combinar as filosofias de igualitarismo emergentes no feminismo, para que, assim, pudesse chegar ao maior número de lares possíveis e conquistar cada vez mais adeptas. Além de ser uma revista de cunho comercial, com o objetivo de disseminar informações, levantar fundos para manter-se em circulação e proporcionar uma administração que fosse igualitária para com sua redação, era considerada uma organização anti-burocrática de estilo coletivista.

Busca-se, através do movimento, desconstruir os conceitos de “masculino” e “feminino” e suas posições pré-definidas. Neste caso, sucessivamente se refere biologicamente, historicamente e socialmente como masculino/superior e o feminino/inferior. Sempre colocando a figura da mulher em desigualdade com o homem.

É impossível falar das questões de gênero e das diversas lutas do feminismo sem citar Simone de Beauvoir e sua obra *O Segundo Sexo*, onde encontramos a frase: “Não se nasce mulher, torna-se”. Em seu trabalho ela utilizou de uma historiografia carregada de preconceito, mas sempre abordando de forma muito crítica o sexismo da sociedade⁷⁰.

Na mesma linha de Beauvoir, temos Andrée Michel, socióloga que em 1979, mostrava que, mesmo com a presença feminina na história, estas pouco apareciam

⁶⁹ Cf. FARREL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo*, 1998.

⁷⁰ Cf. ALVES; PITANGUY. *O que é Feminismo?* 2007.

nos relatos escritos. A história sempre destacava personagens masculinos e que, principalmente, tenham participado de governos ou guerras⁷¹.

Carregadas de estereótipos, as análises reforçavam mitos ora da suprema santidade, ora da grande malvadez, das poucas mulheres que ocupam algum cargo de destaque nos governos e/ou nas guerras. Engrossam este panteão as rainhas, as princesas e as donzelas guerreiras, das quais Joana D'Arc é uma espécie de arquétipo do “bem”, enquanto Lucrecia Borgia, por exemplo, é considerada um exemplo do “mal”. (PEDRO. 2008, p.172).

Até o final do século XIX, a “primeira onda” até tentou ser significativa e proporcionar os passos pioneiros da igualdade de gênero. Mas o caminho a ser percorrido ainda era longo, e quanto mais adeptas, e todo o tipo de divulgação que viesse ao encontro seria crucial para que a “segunda onda” fosse reconhecida e de grande impacto nas mulheres e na sociedade patriarcal que viviam⁷².

A *Ms.* inicia sua trajetória de luta pelos direitos das mulheres com o objetivo de ser uma revista popular, que se aproxime ao máximo das necessidades de cada mulher norte-americana e, possivelmente, do mundo. Para isso, iria utilizar-se do feminismo e não deixa se abalar pelas críticas ferrenhas que iriam fazer parte da rotina da publicação. Deixaria de lado as matérias sobre beleza, e retrataria a necessidade da exclusão do padrão de beleza imposto. Buscaria representar a mulher como um membro da sociedade, não apenas como um objeto utilizado para satisfazer a necessidade masculina⁷³.

Por ser pioneira frente ao feminismo dentro de uma revista, a *Ms.* conseguiu diversas publicidades gratuitas, que foram positivas e negativas. Isso se dá pela curiosidade que os diferentes meios de comunicação viam a revista. Com isso, diversas críticas vieram junto com a divulgação, além de questionar o quão longe o movimento e a revista iriam.

A *Ms.* não serviu apenas como termômetro do interesse nacional pelo movimento feminista, mas também carregou o peso de provar que as mulheres poderiam ser bem sucedidas nos negócios. (FARRELL. 1998, p.73).

⁷¹ Cf. FARRELL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo*, 1998.

⁷² Cf. SCOTT. *Gênero uma categoria útil de análise histórica*, 1995

⁷³ Idem.

Todavia, a revista não foi bem vista por todas as defensoras da causa. Algumas não conseguiam ver a militância pelo feminismo ligada a um contexto comercial. Mesmo não possuindo o apoio total das participantes do movimento, não se poderia negar o sucesso que a *Ms.* vinha realizando. Juntando todas as outras publicações feministas ou femininas da época, seria o mesmo que contar o número de leitoras da *Ms. Magazine*⁷⁴.

Com todo esse crescimento iniciaram-se os movimentos contra os ideais que as feministas buscavam. Não que esses movimentos já não existissem, mas com a adesão à causas como aborto, opção de casar ou não, ter filhos ou não e a orientação sexual, entre tantos outros, acabaram por “desafiar” o patriarcado e os círculos legais, econômicos e familiares. É neste ponto que o termo antifeminismo ganha força e adeptos⁷⁵.

O Antifeminismo se dá pela forte oposição ideológica ao feminismo, que se propagou de diferentes formas ao longo das duas ondas do feminismo. Como no final do século XIX, quando aconteceu o movimento contrário aos ideais da resistência à luta ao sufrágio das mulheres. Enquanto no final do século XX se opuseram à busca por direitos iguais. Essas correntes contrárias ao feminismo podem ter sido motivadas pela hostilidade geral em relação aos direitos das mulheres, a própria crença de que as teorias feministas iram contra o patriarcado, e que as desvantagens sofridas pelo sexo feminino na sociedade são incorretas ou exageradas, não condizem com a reclamações, ou até que o feminismo é um movimento que incentiva a misandria, com o objetivo de prejudicar ou oprimir os homens.

Esses fatos fizeram com que a *Ms. Magazine* passa a se preocupar com as correntes contrárias ao feminismo de suas páginas, e quais efeitos poderiam acarretar na formação de opiniões ao longo do movimento⁷⁶.

Logo nas primeiras edições levantou-se a discussão da representatividade da revista frente ao movimento feministas, e quais os pontos positivos e negativos que essa propagação do feminismo teria. Como em todo meio de comunicação de massa, existem os apoiadores, que no caso da *Ms.* eram as assinantes assíduas e suas correspondentes, que participavam ativamente enviando cartas e relatos pessoais que se relacionavam-se as publicações. Como também as feministas de diversos

⁷⁴ Cf. FERRELL. *A Ms. Magazine e a proposta do feminismo popular*, 1998.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Idem.

movimentos, que não viam com bons olhos uma revista publicitária retratando o feminismo sem se render ao meio capitalista, e assim correr o risco de transformar o movimento. Sem esquecer um grande número de mulheres que não se enquadravam no padrão estabelecido pelas demais revistas femininas⁷⁷.

Com um público extremamente diferente, e com divergências de opiniões, a *Ms.* foi ganhando as bancas de revistas e conquistando leitoras do sexo feminino chegando a ter suas edições esgotadas. Sem apelar para modelos famosas com corpos ditos perfeitos, a revista retratava em suas capas a figura da mulher como é naturalmente, e temas que antes nem se quer eram tocados, como o assédio sexual de chefes a funcionárias, como na edição de novembro de 1972. A capa trazia uma mão acariciando os seios de uma boneca, que representava o assédio sexual a uma funcionária, (ANEXO A) e em letras grandes dizia: “*Special report: sexual harassmet on the job and how to stop it*” (Reportagem especial: assédio sexual no trabalho e como pará-lo)⁷⁸.

Anterior às grandes polêmicas, a *Ms. Magazine* iniciou os trabalhos de forma mais amena, para que desta forma conseguisse anunciantes e patrocinadores. Isso se dava por conta da situação financeira da revista, que possuía cunho social e sem fins lucrativos, mas que devia pagar o salário de suas funcionárias em dia, valorizando o trabalho empenhado na revista.

Para isso, a edição de número zero (ANEXO B), em 1972 trouxe uma mulher com oito braços, e nestes carregavam diversos objetos que fazia parte da jornada diária das mulheres dos anos 70. Com a manchete “*Jane O’reilly on the housewife’s moment of thuth*” (Jane O’reilly nos momentos de uma dona de casa verdade). Com o propósito de valorizar e chamar a atenção para as mulheres que costumavam realizar as funções de donas dos lares, esposas e ainda trabalhavam fora⁷⁹.

Inevitavelmente, retratar a mulher como ela realmente era, fez a *Ms.* ganhar fãs e leitoras assíduas. Para não perder o momento de destaque, e de impacto, que a edição zero proporcionou, o editorial organizou a edição número um, para que ela jamais fosse esquecida, independente do que viesse a acontecer. Trazendo a super-heroína, Mulher Maravilha na capa, (ANEXO C) e os dizeres: “*Wonder Woman for*

⁷⁷ Cf. FARREL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular*, 1998.

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Idem.

president” (Mulher Maravilha para presidente), as feministas membros da *Ms. Magazine* iniciaram uma trajetória de lutas por direitos e igualdade de gênero⁸⁰.

Iniciando com matérias que falavam a respeito do acúmulo de tarefas, da falta de participação dos homens nos afazeres domésticos, e com referências a Simone de Beauvoir, após seis meses da edição zero, a revista trazia um desenho da super-heroína, como figura central e controladora de uma cidade, que estava sob seus pés.

Esta edição de julho de 1972 contrastou fortemente com suas vizinhas de prateleira. Vestindo seu brilhante traje nas cores vermelha, branca e azul, com ênfase nos seios empinados, quadris poderosos e botas de salto alto, a Mulher Maravilha pisava energicamente sobre uma cidade em miniatura aos seus pés. Sua energia, sua força e seu tamanho expressavam o entusiasmo e a energia do início do movimento feminista. Representava a figura do “poder da mulher”, o slogan que as relações públicas das organizações nacionais feministas usavam para comunicar o potencial da mulher, tanto em termos econômicos quanto em termos mais gerais. (FARRELL. 1998, p.83).

A utilização da figura da Mulher Maravilha como marco da democracia, igualdade e liberdade em prol das reivindicações foi algo utilizado não somente neste período da expansão feminista, mas já também no final do século XIX e início do século XX. A amazona veio a ser a primeira capa oficial não atipicamente, mas sim por estudiosas, escritoras, cineastas e artistas norte-americanas que desejavam uma personagem “forte” para ser a base do movimento. Além de estar totalmente ligada às origens e a desvalorização do feminismo, as histórias estavam amplamente ligadas.

A utilização da figura dela não foi por acaso, mas sim por conta de ser a primeira super-heroína de destaque, que acompanhou os altos e baixos do movimento feminista. A Mulher Maravilha entrou em declínio na década de 50, juntamente com o movimento feminista, e nos anos de 1970 o mercado via a oportunidade de novamente ter destaque no meio social, juntamente com o feminismo, e suas lutas. Uniu-se o desejo de ter uma personagem para caracterizar o movimento, com a necessidade de recolocar a heroína em um curso de sucesso.

Outro fato que se uniu foi de a Mulher Maravilha ser propriedade da *National Periodical Publications*⁸¹, que era propriedade de *Warner Communications*⁸², o principal investidor da *Ms. Magazine*.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ *National Periodical Publications* foi uma das empresas que mais tarde se tornaria na DC Comics.

⁸² *Warner Communications* foi um empresa americana criada em 1971 voltada para canais a cabos.

Ao colocar uma figura de HQs na sua primeira edição, a *Ms.* já mostrava sua recusa de construir uma imagem definitiva da “*Mulher Ms.*”. A revista fazia de suas capas ferramentas de publicidade, como também uma forma de chamar a atenção ao diferenciar-se das demais revistas que eram encontradas nas bancas.

As capas da *Ms.* eram totalmente o oposto do que as leitoras estavam acostumadas a encontrar, o que foi o diferencial no início da sua caminhada no ramo comercial. Inverteu-se a figura das mulheres, colocando-as como heroínas e não mais como símbolo sexual e atrativo masculino. O principal objetivo era fugir de qualquer semelhança com as revistas femininas que estavam em todas as bancas, que possuíam grande circulação. Encontrar rostos machucados, corpos marcados e explicitar a violência se comparados a mulheres esbeltas e felizes, era realmente algo inusitado⁸³.

Essas polêmicas nas capas atingiram um patamar extremamente elevado, chegando a proporcionar possíveis boicotes, em que alguns anunciantes, e até mesmo os comerciantes de bancas e jornaleiros negaram-se a comercializar a revista dependendo de sua capa. Mas para isso, uma solução criativa foi utilizada. Quando a *Ms. Magazine* tivesse o intuito de polemizar e tocar em assuntos delicados para os olhos de seus comerciantes, as editoras organizavam capas mais pacíficas e dentro colocavam o conteúdo polêmico e discutível, assim acabavam por enganar os comercializadores, e não corriam riscos de serem boicotadas nas bancas.

Não era nada comum representar as mulheres como heroínas ao invés de objetos de desejo masculino. Uma capa que quebrou totalmente a ideia de símbolo sexual e estampou a capa o mês de agosto de 1972, foi a atriz de cinema, Marilyn Monroe, e outra trazia a própria Estátua da Liberdade ironicamente questionando qual o verdadeiro status da mulher nos Estados Unidos na edição de julho de 1976⁸⁴.

Essa representatividade acabou por criar uma união entre as leitoras da revista. Essa irmandade, como muitas chamavam, era reflexo da sessão de correspondência, onde cada vez mais mulheres enviavam cartas para a revista, seja em forma de desabafo, sugestão ou crítica. A palavra irmandade retrata o otimismo e a união sobre o movimento feminista. O seu conceito é o fundamento lógico e poderoso para que as mulheres de todas as raças, classes e nacionalidades estivessem voltadas em prol da

⁸³ Cf. FARREL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo*, 1998.

⁸⁴ Idem.

causa feminista. O que era cobrado pelas defensoras da causa, e pelas responsáveis pela revista.

Entretanto, pode-se observar que as editoras tentavam compartilhar traços em comum com as leitoras, usando termos como: “Você também não odeia quando...?” “O momento da verdade da dona de casa”. Nestes trechos se pode perceber uma proximidade entre escritora e leitora, e em temas mais polêmicos como: “Nem todas as lésbicas...” ou “As feministas negras não se isolam das pessoas negras em geral...”, onde a revista buscava um tom mais informativo ou até mesmo educativo, já não se encontrava uma proximidade tão grande⁸⁵.

Muito disso se dava por ser uma revista voltada para mulheres heterossexuais, de classe média e brancas. Contudo, não era normal acontecerem publicações voltadas a comunidade afro-americana. A crítica neste momento fica por conta do movimento feminista das mulheres negras que não sentia-se representado de fato, e essa representatividade nunca conseguiria atingir todas as norte-americanas.

Os primeiros anos foram de sucesso total, com o crescimento do feminismo, munido de um maior número de adeptas, a *Ms.* começava a influenciar as demais revistas no teor de suas matérias. Antes aquelas que falavam apenas da forma de segurar o marido, como preparar um maravilhoso jantar para um homem, dicas de beleza, etc, passaram a focar um pouco mais no intelectual feminino e na forma como poderiam ser útil em outras ocasiões, não somente para o feminino, mas para ajudar na libertação das mulheres.

Para manter a circulação, a revista tinha de arrumar patrocinadores fortes, que pudessem manter as contas e os salários das funcionárias em dia. O complicado disso se dava pela política feminista⁸⁶ interna que as editoras e escritoras possuíam. Nenhum produto ou item que remetesse a submissão feminina, ou que obrigasse a revista a aderir aos padrões de beleza imposto pelo demais mídias seria comercializado.

Os anunciantes desejavam apoio em artigos. No caso um creme de beleza, desejavam uma matéria sobre as vantagens de usar esse produto, algo que iria contra a política feminista da *Ms.* Muito por isso, os maiores anunciantes da revista eram

⁸⁵ Cf. FARREL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo*, 1998.

⁸⁶ Política Feminista, seriam itens pro feminismo que a revista seguiria.

marcas de cigarro e bebidas, produtos que não necessitavam de matérias os exaltando, e nem uma lista de motivos para a comercialização⁸⁷.

A *Ms.* tinha destaque com os anunciantes mais por ser uma causa, do que propriamente uma oportunidade de lucro. A revista atraía mais leitoras comunistas, voltada a políticas e social, anti-consumismo em massa, e essa forma de revista não era atraente para os anunciantes, que teriam seus produtos consumidos pelo oposto perfil que se fazia presente nas páginas das revistas, mulheres consumistas dispostas a tudo para se encontrarem no padrão social e estético da época. Muito dessa política social se dava para as finalidades que os lucros teriam, repassando seus ganhos a uma fundação para mulheres.

Mesmo com o intuito de “esperanças em potencial”, a *Ms.* nunca conseguiu ter uma lucratividade, e nem fazer o dinheiro necessário para uma maior expansão. Ainda que não obtiveram uma alta nos lucros, a revista manteve-se, e toda e qualquer doação era destinada a ela. A fundação tinha como propósito atender o Movimento Feminista, proporcionando apoio, melhores condições de vida, situação social e os direitos das mulheres, como outras ferramentas que pudessem auxiliar e fortalecer a voz do movimento feminista⁸⁸.

Ressalta-se que as editoras da *Ms.* recebiam menos do que se fossem trabalhar em outras revistas voltadas ao público feminino. No entanto o ambiente era considerado o lugar ideal, onde a jornalista poderia explorar todo o seu potencial e aliá-lo ao fortalecimento do movimento feminista.

Para a *Ms.*, os anos 70 foram caracterizados por uma série de lutas internas com as editoras e a equipe trabalhando para articular um feminismo popular e diverso, para responder às exigências dos anunciantes, para negociar as realidades da administração de um negócio feminista. (FARRELL, 1998, p.144).

Mesmo sendo uma ferramenta de grande circulação durante a década de 1970, possuindo um emaranhado de leitoras, críticas e elogios, os anos oitenta não seriam tão bons para a *Ms. Magazine*. Marcado por uma forte onda de conservadorismo, que não se encaixava com a política da revista, o número de ameaças diretas aumentando

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Cf. FARRELL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo*, 1998.

e uma crescente invisibilidade do feminismo, chegando-se a se falar na morte do movimento, acabaram por prejudicar o desenvolvimento da revista⁸⁹.

Entretanto, isso não foi o suficiente para desmortejar o movimento. As mulheres militantes continuaram a abrir caminho por entre o sistema econômico patriarcal que as oprimia, mesmo com os diversos movimentos contrários, e repressores que aumentavam nas perseguições.

Os anos 80 em si não foram favoráveis para as mulheres. Após grande destaque na busca por espaço e direitos iguais durante a “onda feminista” dos anos 70, manter essa igualdade foi bastante complicado. Além de todo o conservadorismo e a marginalização do aborto, as mulheres tiveram de enfrentar ameaças econômicas, que relacionavam ao aumento de mulheres trabalhando fora de casa em troca de salários. Aliou-se a isso um aumento na taxa de pobreza no universo feminino, ficando conhecido como “feminilização da pobreza”. Isso se deu por conta da liberação do divórcio, o que facilitou a libertação das mulheres de casamentos infelizes ou abusivos. Este fator mergulhou mais mulheres e crianças nas condições de pobreza, pois as leis não exigiam muito apoio do homem⁹⁰.

Inevitavelmente, isso refletiu nas páginas da *Ms.*, afinal, uma revista que buscava igualdade frente aos gêneros iria encarar uma década de conservadorismo, e um grande número de mulheres sem condições de assiná-la. Isso acaba por acarretar mais prejuízos que lucros, pois uma revista sem lucro não é atrativa para os patrocinadores.

(...) Os consultores apontavam para uma queda de vendas nas bancas e competição acirrada de outras revistas femininas para apoiar seus argumentos. Parece que quando o ‘movimento das mulheres’ ganhou força, as outras revistas femininas começaram a editar e desenvolver artigos sobre assuntos antes restritos à *Ms.* Assim, se uma mulher deseja ler uma matéria sobre política, não precisa mais se restringir a *Ms.*, pode ler na *Cosmopolitan* e aproveitar, junto com a pauta política, as dicas sobre pele ou cuidados com a saúde. (FARRELL, 1998, p.154).

Aos olhos dos críticos, a revista começou sendo inovadora, mas acabou por se tornar tediosa, e neste momento as concorrentes mostravam mais autonomia e independência, assim a *Ms. Magazine* se via obrigada a ser mais feminina. Os caminhos estavam sendo dispersos.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Cf. SCOTT. Gênero uma categoria útil de análise histórica, 1995.

O período era sombrio para a revista, e em 1979 se encontrou a possibilidade da Fundação *Ms.* (fundada pela revista) adquirir os direitos da publicação, e, assim, ficar isenta de qualquer pagamento de impostos. Achava-se uma solução para manter a revista em circulação. A *Ms.* passaria a trabalhar para educar e não ter lucros, algo que muitas feministas desejavam, sendo mais geral, e com uma maior diversidade de componentes em seu editorial.

A revista justificava que essa mudança não afastava as preferências de suas leitoras, pois estas viajavam, compravam diversos produtos, estavam ativas na economia e que também estavam ligadas nas mudanças que a revista estava enfrentando.

Dentro deste contexto, ser a primeira a discutir feminismo em ampla escala foi uma maneira de abrir as portas do tema para as demais revistas, algo que no início da década de 70 nem seria cogitado. Mesmo que, com o passar do tempo a revista fosse caindo no esquecimento, ou na comodidade das demais mídias femininas, ela teria realizado um fato importante para a história das mulheres, na busca por igualdade de gênero através do movimento feminista.

A “segunda onda” do feminismo, enfrentada no período dos anos 80, tem relação direta com as leitoras da revista *Ms.*, as atitudes que estas tomaram para manter o movimento existente e fortificado. Da mesma forma, buscaram mostrar ao social que não eram apenas um emaranhado de editoras e anunciantes, mas uma ferramenta que as leitoras utilizavam, entendiam e moldavam em prol da causa feminina de igualdade frente aos homens. Ela possibilitou a observação da realidade em que viviam de uma outra maneira, e isso se alia a forma como a revista enfrentou essa crise e quais as medidas tomadas para superar o regime conservador que enfrentaram⁹¹.

Com todo esse conflito de aceitação e conservadorismo da década de 1980⁹², muitas das leitoras não podiam ler a *Ms.* de forma segura, e se viam obrigadas a esconder-se. Isso se dava pela revista ser um meio de conexão entre diversas mulheres, acabando por criar o discurso de raiva, ódio ao feminismo, pois não se tinha o desejo de igualdade de gênero.

⁹¹ Cf. FARREL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo*, 1998.

⁹² Cf. HOBBSAWM. *A Era dos extremos*, 1994.

Entre 1987 e 1989 houve diversas mudanças na estrutura de organização da revista, como a troca de donos, isso acabou por refletir em suas páginas. Não se tem dúvidas que a proposta inicial de 1970, ao chegar à década de 80, havia ficado distante do prometido. Mas isso se deu não só pela falta de incentivos, mas também pelas recorrentes críticas ao feminismo, que acarretaram por desfavorecer o objetivo inicial e principal da *Ms.*

A sucessão de vendas pelas quais a *Ms.* passou nos 80, assim como a tentativa feita pelas novas editoras e publisher de recriar uma revista exilada de suas raízes políticas, mostram o poder que o capitalismo corporativo tem de usar a mídia popular para o seus próprios propósitos. A *Ms.* havia sido criada em 1972 como uma revista que usaria verbas publicitárias para financiar e popularizar o movimento feminista. No final dos 80, porém, o foco editorial da revista recusou a identidade de “feminista”, mas usou as qualidades demográficas da leitora da *Ms.* - estudadas, financeiramente seguras e orientadas para a carreira – para atrair anunciantes. (FARRELL. 1998, p.252).

Quando as fundadoras da *Ms.* iniciaram a jornada, imaginaram uma revista que cruzaria o campo comercial e político, tornando-se um periódico “popular”, quebrando barreiras, chegando às leitoras e transformando suas vidas e, ainda, com grande apoio comercial. Os anos 70 foram de ampla expansão dos ideias feministas, mas não conseguiram manter o nível da disseminação dos ideais, da mesma forma que a revista.

Para não perder as fiéis leitoras e nem deixar-se ser engolida pelas grandes mídias femininas, houve outra reformulação no ano de 1990, em que a revista passou a ser financiada pelas assinantes. Com uma distribuição limitada, iniciaram a busca para atingir aquelas que já se consideravam feministas⁹³.

Neste momento não se encontrava mais a revista em bancas, a sua ausência na área comercial dificultava o alcance a um número maior de mulheres. Foi um labirinto formado pelas grandes mídias que não encontraram lucro dentro do movimento feminista⁹⁴.

A *Ms.* buscou promover um tipo de união na diversidade, com diálogos, integração, informação, pesquisa, saídas para o rotineiro e diversas opções de liberdade. No seu pior momento, a revista voltou-se aos anunciantes, deixando o que

⁹³ Cf. FARRELL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo*, 1998.

⁹⁴ Idem.

lhe diferenciava em segundo plano. A *Ms.* pareceu ter perdido sua popularidade e a força de mobilização.

Ironicamente, a história dessa revista me faz simultaneamente pessimista a respeito do sucesso de qualquer possibilidade híbrida com a *Ms.*, e convicta de que precisamos de mais experimentos como este. Sou pessimista pois a história da *Ms.* deixa clara a incompatibilidade fundamental entre o mercantilismo e o feminismo. (FARRELL. 1998, p.262).

A proposta da *Ms.* foi voltar-se a ser popular e tentar conquistar leitoras que pudessem aderir ao movimento feminista, entretanto, foram diversas as objeções que se fizeram presente ao longo dessa caminhada. Em 2016 a revista ainda existe, apenas de forma *online*, e continua a retratar o feminismo e suas lutas, abrangendo temas universais. Seu pioneirismo é reconhecido ainda, por ter conseguido colocar nas revistas femininas, o feminismo, mesmo que não da forma desejada⁹⁵.

⁹⁵ Cf. FARREL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo*, 1998.

3. A IMPORTÂNCIA DAS SUPER-HEROÍNAS E DA REVISTA Ms. PARA A IGUALDADE DE GÊNERO

O termo feminismo tem seu embrião ligado à história dos séculos XV ao XVIII, voltado a denúncia da opressão, tendo como um dos fatores principais a superioridade e a dominação imposta pelos homens. Entretanto, o destaque da presença feminina na luta por seus direitos aconteceu na Revolução Francesa (1789-1799), quando ocorreu o fortalecimento dos ideais iluministas⁹⁶. Dentro da revolta francesa, temos a presença de Olympe de Gouges, responsável pela Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, que se opunha ao patriarcado da época, fazendo menção a relação homem-mulher expressada na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, onde as duas foram colocadas para votação e apenas a segunda foi aceita, deixando os direitos das mulheres engavetados por um longo tempo⁹⁷.

A busca por igualdade de gênero frente à sociedade nunca foi algo fácil, foram diversas manifestações, ocupações e lutas por uma justiça jamais tida. O feminismo não busca desmerecer o homem, ele apenas almeja uma igualdade entre os sexos, seja a mulher no âmbito social, econômico, político, civil e humano igualmente tratada.

Para analisarmos esse desejo podemos nos apegar às lutas do movimento feminista através dos séculos e dos momentos históricos, como forma de continuarmos a travar batalhas pela igualdade de gênero. É possível perceber quais foram as vertentes que, ao longo das épocas, o feminismo tomou para conseguir chegar aos direitos que as mulheres possuem hoje. Simone de Beauvoir, Christine de Pisan, Ann Hutchinson, as criadoras da Ms. Magazine, e tantas outras, foram as responsáveis para o princípio de uma luta que atravessa gerações de mulheres, que ainda não acabou, e que possivelmente ainda terá diversos capítulos a serem escritos.

O feminismo é a ferramenta necessária para quebrar esta ampla desigualdade que está instaurada entre homens e mulheres, para que assim as necessidades sejam compreendidas e corrigidas na sociedade patriarcal em que vivemos desde os primórdios. É necessário utilizar-se de estratégias de ensino voltadas a valorização da mulher, para assim mencionar todos os feitos históricos que estas participaram e

⁹⁶ Iluminismo foi um movimento intelectual do século XVIII, caracterizado pela centralidade da ciência e da racionalidade. Ver MATOS. Escola de Frankfurt - Luzes e Sombras do Iluminismo. 2005

⁹⁷ Cf. ALVES; PITANGUY. O que é feminismo? 2007

a extrema importância que tiveram, e ainda tem. Ao contrário do que é propagado, como meras figurantes, sente-se falta do viés feminino no centro da discussão, como no caso da Revolução Francesa onde as mulheres foram peças chave em diversas conquistas e, entretanto, poucas figuras são lembradas e estudadas.

No contexto ideológico tem-se um conjunto de ideias, imagens e crenças, que legitimam, perpetuam e reproduzem a hierarquização do machismo. A ideologia do movimento mostra aos indivíduos que esta hierarquia está presente, para então combatê-la de forma direta e com resultados.

Muito disso se dá pelo movimento feminista ser atravancado e lento no mundo, principalmente pela forte repressão das reivindicações. Entretanto, a década de 1970 foi de avanços e de grande expansão dessa corrente. Por conta desse desenvolvimento, foram criados diversos grupos por todo o território brasileiro, que se dedicavam à reflexões como os direitos da mulher, saúde, trabalho, grupos de estudo, cinema, SOS contra a violência e demais temas que viriam a ser úteis para a fortificação do movimento feminista no Brasil.

Diversas concepções políticas sobre masculino e feminino marcam, orientam e constituem os inúmeros saberes que movem a sociedade. É por isso que gênero é, desde sua origem, um conceito político que diz respeito às relações de poder, como já dizia Joan Scott no ano de 1995: “O uso de “gênero” enfatiza todo um sistema de relação que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade”. (SCOTT. 1995, p.76).

Na conceituação de Scott é necessário desconstruir os vícios do pensamento ocidental e relativizar as definições de masculino e feminino, buscando principalmente um novo olhar sobre os símbolos e as linguagens, explorando seus potenciais analíticos de desconstrução e ressignificação.

Se remetermos as super-heroínas que descrevemos no capítulo um, a Mulher Maravilha, Mulher Gavião e Mulher Gato, encontraremos diferentes formas de opressões significativas ao sistema em que nos encontramos ao longo do tempo. Tendo como exemplo o fato de nenhuma heroína ter sido criada por uma mulher, criação esta que ocorreu após a primeira leva de super-heróis do gênero masculino e tinha a intenção de agradar ao público masculino.

Encontra-se, por exemplo, em lojas de roupas, diversas serigrafias de todo o tipo de super-herói, Batman, Super-Homem, Flash, etc. Esses produtos são

confeccionados para as meninas também, pois há um crescimento do interesse das mulheres no campo dos quadrinhos. Entretanto, pouco se encontra itens das super-heroínas na sessão para meninos, como bonés, mochilas, camisetas e buttons. São diversos apetrechos estampados com os personagens, mas pelos padrões da sociedade, meninos com os heróis, meninas com as heroínas.

Questiona-se essa desigualdade entre os sexos, propondo uma análise do sistema de gênero, que distingue de homens para mulheres na sociedade. O questionamento ainda tem sua base na diferenciação física que há entre os dois sexos. Os meninos não se identificam com o uniforme colorido e provocante da super-heroína, pois eles desejam ter a capa e a força do super-homem. Já a menina, não possui muita escolha, como não há exemplo maior que a definição de rosa como cor universal do sexo feminino.

O movimento feminista busca através das eras, e das diferentes ondas, mostrar uma outra face para essa discussão sobre padrões de gênero. Jean-Jacques Rousseau no século XVIII deixou bem claro a que serviria a mulher dentro da sociedade:

Toda a educação das mulheres deve ser relacionada ao homem. Agradá-los, ser-lhes útil, fazer-se amada e honrada por eles, educá-los quando jovens, cuidá-los quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida útil e agradável – são esses os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes deve ser assinado desde a infância. (ROUSSEAU. 1817, p.370).

O mesmo filósofo, teórico político e escritor que defendia a criação de um novo homem e de uma nova sociedade, onde seria preciso educar a criança de acordo com a natureza, e assim ir desenvolvendo progressivamente seus sentidos na capacidade de julgar, colocando a mulher totalmente como submissa ao homem, e devendo serviços a este. Neste momento fecha-se o acesso do mulher à qualquer tipo de participação pública, de acordo com as ideias de Rousseau. E, três séculos depois, o feminismo ainda luta para contrariar essa ideia de devoção da mulher ao homem.

Rousseau fazia parte dos estudiosos defensores do iluminismo, mas que não desejavam a igualdade entre os gêneros. Sua opinião era de que a mulher apenas seria útil para as necessidades do homem, estando disposta a realizar o que o homem solicita-se, sem ter autonomia. Jean-Jacques Rousseau propagou seus ideais no século XVIII, durante um período onde a razão era o fator a ser seguido. Mas essa

forma de pensar atravessou os séculos, se fazendo presente na história das mulheres⁹⁸.

Para combater essas ideias, a *Ms. Magazine* colocou em suas páginas diversos debates que foram importantes para o fortalecimento da luta feminina por igualdade, inspirando-se, também, nos ideais das super-heroínas para combater a discriminação e a desigualdade nos diversos campos sociais dominados pelos homens. As heroínas foram ganhando espaço nas HQs quebrando os estereótipos de sexismo⁹⁹, mostrando capacidade e força para conquistar fãs e admiradores fanáticos. Foram duas ferramentas que lutaram contra o idealismo patriarcal de subjugar as mulheres com inferioridade e dependência masculina. Tanto a revista, como as personagens sobreviveram a crises antifeministas, onde o esquecimento poderia ser o ponto final de sua luta. Porém, mesmo com as infinitas lutas e a discriminação, fizeram história e foram cruciais para fortalecer o movimento feminista em diferentes momentos¹⁰⁰.

Uma estratégia que pode ser utilizada para compreensão das questões feministas e de gênero, utilizando tanto a *Ms. Magazine*, como a super-heroínas, seria aplicar um comparativo entre fatos ocorridos recentemente e a desconstrução desse teor antifeminismo propagado em diferentes mídias. Por exemplo, na edição de 18 abril de 2016 da Revista *Veja*¹⁰¹, a matéria de capa possuía os dizeres: Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. Referindo-se à mulher do então vice-presidente Michel Temer¹⁰², como um exemplo de mulher a ser seguida, pois esta possui beleza, comportamento adequado e se encontra responsável pelos afazeres do lar, no caso cuidar dos filhos e da casa para o marido. A revista, ao publicar uma matéria a respeito de um padrão de mulher, acaba por excluir os demais tipos femininos da sociedade brasileira, e induz que estas são as características principais para uma mulher ser bem sucedida na vida. Algo que remete as manchetes de revistas das décadas

⁹⁸ Cf. ALEVES; PITANGUY. O que é Feminismo? 2007.

⁹⁹ Sexismo é o termo que se refere a forma de discriminação, que conduz à subalternização, à marginalização ou mesmo à exclusão de pessoas ou grupos com base no seu sexo

¹⁰⁰ Cf. FARRELL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular*, 1998.

¹⁰¹ *Veja* é uma revista brasileira de publicação pela editora Abril, com uma tiragem estimada em um milhão de cópias, direciona-se a temas como política, economia, e temas culturais. Entretanto, não devemos levar em consideração sua opinião crítica por se tratar de uma revista manipulável com os interesses que lhe convém.

¹⁰² No mês de abril o Brasil ainda era governado pela então Presidenta Dilma Rousseff, o impeachment foi aprovado no dia 31 de agosto de 2016, e quem assumiu a presidência então foi o vice-presidente Michel Temer.

anteriores à *Ms. Magazine*, e suas correntes, onde o objetivo de vida feminino era ser apta para o marido.

Relacionar a maneira de pensar de uma revista atual, com uma revista da década de 1970, questionando os padrões do passado e do presente, para assim mostrar os diferentes meios de falar sobre a desigualdade do feminino para com o masculino. Utilizando indiretamente Michel Foucault, e as relações de poder que constituem a sociedade, analisando a força que as grandes mídias possuem na formação de opinião, com a consequência do padrão que acabam por estabelecer.

[...] é qualquer coisa que se faz sozinho, mas que só se pode fazê-la plenamente na medida em que ela escape à pura subjetividade e a qual os outros poderão, eu não digo exatamente repeti-la, mas pelo menos encontrá-la e atravessá-la. (FOUCAULT. 1994, p. 47).

O movimento feminista acaba por alavancar diferentes correntes, sendo estas a favor e contrárias, ao mesmo tempo que é atravessada por elas. É necessário fazer uma análise, utilizar-se de toda a subjetividade encontrada nos fatos ocorridos ao longo da história das mulheres, exaltando o trabalho realizado por cada uma delas, seja ele um feito heroico ou apenas uma participação. Este caminho mostra a capacidade de agir, aliando-se à uma maior liberdade de expressão ocasionada pelo avanço nos direitos dos indivíduos, tornando-se proporcional conforme os novos mecanismo de poder inseridos na sociedade.

A mídia possui ampla importância na constituição das relações de poder. A revista *Veja*, por exemplo, ao divulgar a matéria retratando a figura de uma mulher bela, recatada e voltada aos serviços do lar, criou uma onda de questionamentos sobre a existência de um único padrão de mulher exaltado no Brasil.

Se analisarmos as correntes femininas no Brasil, encontramos um grande atraso na sua propagação. O direito a voto foi alcançado em 1932, mas com a implantação do Estado Novo, em 1937, qualquer mobilização popular de cunho reivindicatório era podado. Isso volta a acontecer no período ditatorial dos militares, em 1964, onde qualquer tipo de mobilização de causas minoritárias era proibido. O país enfrentou, de 1964 a 1985, um momento que foi caracterizada pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar. Foi um período marcado pela inexistência de lutas por direitos, e um dos movimentos mais prejudicados foi o

feminista. Enquanto diversas mulheres pelo mundo lutavam por igualdade, o Brasil se via estaqueado sob o comando dos militares¹⁰³.

É, entretanto, num movimento específico – a luta pela anistia – que sua presença na esfera pública é mais significativa. Em 1975 foi fundado em São Paulo o Movimento Feminista pela Anistia, que liga sua origem à movimento semelhante em 1945, e que primeiro levantou esta bandeira após 1962. (ALVES; PITANGUY. 2007, p. 71).

O Movimento Feminino pela Anistia¹⁰⁴ surgiu com o objetivo de conscientizar, persuadir e pressionar a sociedade e o governo para mostrar a necessidade de buscar anistia¹⁰⁵. Este documento foi elaborado por oito mulheres, que acompanharam amigos, maridos e companheiros sendo torturados e assassinados pelo governo militar. Essa luta das mulheres pela absolvição dos presos acabou por criar a simpatia da sociedade e de diversos grupos políticos que eram contra a ditadura militar. Como consequência da boa recepção por parte da população em geral, o MFPA criou o jornal Maria Quitéria¹⁰⁶, que tinha sua temática voltada exclusivamente para a Anistia e os Direitos Humanos. Um tema extremamente delicado a ser trabalhado em um período onde contrariar as ideias do governo era sinônimo de traição, sujeitando os indivíduos as diversas torturas e morte¹⁰⁷.

No mesmo período destaca-se no Brasil o trabalho de Heleiethe Saffiotti¹⁰⁸, que publica “A Mulher na Sociedade de Classes”, em que analisa a condição da mulher no sistema capitalista em âmbito nacional, como também é considerado um pioneiro frente à contribuição das ciências sociais ao estudo das mulheres no Brasil. O livro de Saffiotti foi considerado um best-seller na época e constitui, até hoje, uma referência nos estudos de gênero. A década de 60 mostra outra frente de luta, além de direcionar-se à desigualdade de direitos – política, trabalho e civil –, começa-se a questionar as raízes da desigualdade de gênero. É neste ponto se indaga a dita

¹⁰³ Cf. ALVES; PITANGUY. O que é Feminismo? 2007

¹⁰⁴ Movimento Feminino pela Anistia foi um movimento político criado em dezembro de 1975.

¹⁰⁵ Anistia é um ato oficial que liberta alguém que é considerado culpado por crimes contra o Estado.

¹⁰⁶ Jornal Maria Quitéria, criado em 1977, do Boletim do CBA (Comitê Brasileiro pela Anistia), dirigido pela advogada Eny Raimundo Moreira, marcam o crescimento da campanha pela volta dos exilados e pela libertação dos presos políticos. O nome do folheto de publicação se dá por Maria Quitéria ter sido uma militar brasileira, heroína da Guerra da Independência, considerada a primeira mulher a entrar em combate pelo Brasil, no ano de 1823.

¹⁰⁷ Cf. <http://memorialanistia.org.br/movimento-feminino-pela-anistia>, acesso em: 26 de set. de 2016.

¹⁰⁸ Heleiethe Saffiotti foi uma socióloga marxista, professora, estudiosa da violência de gênero e militante feminista brasileira, que viveu 1934 a 2010.

inferioridade “natural” da mulher, onde homens e mulheres estariam predeterminados, pela sua natureza, a cumprir papéis opostos na sociedade. O homem seria o detentor do papel externo, e a mulher o interno. Análises assim nos conferem a ideia da hierarquização que a sociedade vivia. O diferencial do Brasil para os outros países, quanto ao feminismo, era que no resto do mundo havia ampla discussão e lutas por igualdade, enquanto no Brasil essa questão se mantinha na clandestinidade¹⁰⁹.

A análise de gênero vem como um mecanismo de interpretação para essa desigualdade entre homens e mulheres nas diversas épocas. O exemplo citado é do passado, mas em casos mais recentes, como a crise no Brasil, diversas mídias sensacionalistas deram a entender que este fato veio a acontecer por possuímos como autoridade máxima governamental uma mulher. Análises históricas de gênero são necessárias para que o sexo do indivíduo não seja responsável por este ser competente, ou não, na história da sociedade¹¹⁰.

A super-heroína Mulher Gavião, ao longo da sua história, enfrenta diversas dificuldades nos períodos históricos em que é colocada. Por exemplo, independente da vida que ela tenha, sempre está destinada a encontrar o amor da sua vida, o Príncipe Quéops, conhecido pelo nome de super-herói Gavião Negro. Em uma de suas histórias, ela passa a fazer parte da Liga da Justiça, que só permitia doze membros, uma regra que acabou limitando a quantidade de mulheres no grupo, criando a ideia da pouca necessidade dos símbolos femininos na liga dos heróis. Ao contrário do esperado, ela conquista seu espaço e passa a ser uma das heroínas mais importantes do grupo. Foi necessário superar as desconfianças e as limitações que foram implantadas pela sociedade para, então, mostrar seu valor¹¹¹.

Com frequência, a atenção dada ao gênero não é explícita, mas constitui, não obstante, uma parte crucial da organização da igualdade e da desigualdade. As estruturas hierárquicas dependem de compreensões generalizadas das assim chamadas relações naturais entre homem e mulher. No século XIX, o conceito de classe dependia do gênero para sua articulação. (SCOTT. 1995, p. 91).

A análise de gênero foi uma ferramenta que as pesquisadoras encontraram para atentarem-se às relações entre homens e mulheres, fazendo uma análise do

¹⁰⁹ Cf. SAFFIOTTI. A Mulher na Sociedade de Classes, 1976.

¹¹⁰ Cf. ALVES; PITANGUY. O que é feminismo? 2007.

¹¹¹ Cf. OLIVEIRA. Mulher ao Quadrado. 2007

passado e as tensões vividas, como isso interfere na história que nos é contada e as consequências que refletem-se nos dias de hoje. Sua utilização refletiu no fortalecimento da história das mulheres, questionando o porquê da falta de personagens femininas em diversos momentos históricos. A discussão de gênero ajudou a fomentar a curiosidade para descobrir os feitos realizados por diversas mulheres ao longo dos tempos.

Para Scott gênero é uma percepção sobre as particularidades sexuais, hierarquizando uma maneira de pensar engessada e dual. Não se nega que existem diferenças entre os corpos sexuados. O que interessa a ela são as formas como se constroem significados culturais, proporcionando sentidos para elas dentro de relações hierárquicas. O reconhecimento dessa oposição entre os corpos não leva, contudo, à manutenção da dicotomia sexo x gênero¹¹².

A entrada da super-heroína foi subjugada por ela ser mulher, mas seu parceiro, que tinha o mesmo tipo de poder, já fazia parte da Liga, sem que este tivesse realizado algo heroico para merecer essa posição. O que é um exemplo do julgamento a respeito de gênero que é responsável pela entrada ou não no grupo, pelo seu sucesso ou sua derrocada. O que pode ser ligado ao fato de a primeira mulher presidente do Brasil ter sido amplamente julgada, ameaçada e até considerada incompetente, mesmo realizando tarefas que não necessitam de gênero para ser executadas¹¹³.

Dentro do pensamento de Joan Scott, o gênero passa a ser uma atração para o pensamento crítico em relação aos corpos sexuados, causando consequências em relação ao corpo oposto, como prejudicar e julgar o outro como inferior, deixando o gênero do indivíduo definir se ele possui, ou não, competência para realizar diferentes trabalhos. Com essa oposição, os significados são criados e alterados conforme o que se estabelece, de acordo com a preferência do sexo mais forte dentro da sociedade. As mulheres são fisicamente menores que os homens, e biologicamente possuem menos massa, então passam a ser consideradas mais fracas para a realização de alguns trabalhos, mas este não é um indício de que não são capazes de realizá-los. Os debates de gênero acabam fortalecendo as ideias de combate dessa inferioridade física, aliados à desmistificação da incapacidade feminina¹¹⁴.

¹¹³ Cf. KNOWLES. Nossos Deuses são Super-Herois. 2008.

¹¹⁴ Cf. SCOTT. Gênero uma categoria útil de análise, 1995.

O pensamento controverso de Robert Stoller¹¹⁵ se opõem ao que Joan Scott coloca. Para Stoller, o sexo se referia à biologia e, para Scott, o gênero é constituído por relações sociais e não biológicas, se constituindo no interior de relações de poder. Ainda relacionado à Foucault, o poder pode ser relacionado ao uso e ao significado que sempre nascem de uma disputa política, com dominação e subordinação. Isso mostra que o gênero não reflete ou implementa diferenças fixas e naturais entre homens e mulheres¹¹⁶.

Analisa-se quanto o movimento feminista colocava em discussão o termo “gênero”. O feminismo buscava corroborar a ideia de diferença que se via no comportamento dos homens e das mulheres, sendo este independente do sexo, como uma questão biológica e cultural. Um fato como este não condiz com a realidade feminina. Mesmo possuindo corpos menores, e até menor força que os homens, a *Ms. Magazine* mostrava justamente ferramentas para quebrar esse paradigma de inferioridade. Da mesma forma que as super-heroínas se colocaram à disposição para representar as mulheres e, assim, modificar esse julgamento de inferioridade feminina no mundo.

Nos meios acadêmicos a década de 1980 significou, no Brasil, o início da formação de Grupos e Núcleos de Estudos da Mulher. Estes começaram com denominação que acompanhavam a formação de categorias de análise pelos movimentos de mulheres e feministas. Assim, se começaram denominando-se “Estudos da Mulher”, passaram depois de empregar a palavra “mulher”, e posteriormente “gênero”. (PEDRO. 2008, p. 181).

O feminismo no Brasil se constituiu no momento da realização da “Segunda Onda”, período marcado pela forte repressão a qualquer movimento contra o governo, e se baseava no nacionalismo e nas relações entre as mulheres que se viam envolvidas no movimento. Entre estas, destaca-se a historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias, que se tornou formadora de outras historiadoras e tem, como um dos seus trabalhos mais influentes, o livro “Quotidiano e poder”, que possui muita influência na História das Mulheres no Brasil.

No Brasil onde o feminismo que se desenvolveu, o termo “mulher” esteve unido a outros como “consciência”, “reflexão”, possuía apoio da ONU (Organizações das

¹¹⁵ Robert Stoller foi um professor e historiador norte-americano voltado aos estudos sobre a identidade de gênero.

¹¹⁶ Cf. SCOTT. Gênero uma categoria útil de análise, 1995.

Nações Unidas). Abriu, ainda, caminho para o surgimento de jornais como o Nós Mulheres e o Mulherio, na década de 1970. Jornais como este foram de extrema importância para disseminar pelo país a necessidade de igualdade entre homens e mulheres, mesmo em um período obscuro da história brasileira.

A questão da sociabilidade é inerente ao gênero, mas está vinculada a forma como isso é trabalhado, sendo nas escolas, nos jornais, na literatura e nos diferentes meios de comunicação, mostrando a importância de pesquisar e escrever sobre a história do sexo feminino e seus movimentos por direitos e representações. É o momento de questionarmos as ideias propostas e assim sair do que foi dito, se direcionando para o que realmente aconteceu. A história das mulheres está presente desde o momento em que o homem surge, se faz necessário, então, colocá-las no mesmo patamar que se dá para aquilo que chama-se de história da humanidade, ou seja, homens lado a lado as mulheres.

Esses exemplos, tanto da revista que definiu um padrão para as mulheres do Brasil, como o preconceito em ter uma presidente mulher, nos mostraram a necessidade de ser debatido o feminismo em diversos meios. O século XXI nos remete a diversas correntes feministas perpetuadas de diferentes formas, onde a união feminina se mostra cada vez mais fortificada. Muito disso se dá pelo aumento nos casos de violência contra a mulher. No Brasil, a cada 7 minutos é registrado uma denúncia de violência contra o sexo feminino. Os registros nos mostram que no ano de 2015 foram realizadas 63.090 denúncias de violência contra a mulher. Estes dados são da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR), a partir de um balanço dos relatos recebidos pelo Ligue 180. Dentro desses números, mais da metade dos registros são por violência a mulheres negras, cerca de 58,55%.

Existem relatos de violência psicológica, moral, sexual, de cárcere privado, homicídios e diversos casos que não são denunciados. Muitos tipos de violência acontecem em âmbito familiar e doméstico, sendo realizados pelo companheiro ou algum conhecido próximo. Os crimes são realizados por responsáveis que alegam ter motivos por tal ato, acusam a vítima de traição, ciúme, separação, motivações diversas. Entretanto, nenhuma justifica a violência.

O mal do século XXI é julgar a vítima que sofreu a violência ao invés do responsável pelo crime, algo extremamente errado, mas que passa a ganhar força

com a evolução da tecnologia e a aproximação das pessoas através das redes sociais. Expõem-se a vítima, esquecendo que independente do motivo, ela sempre será vítima.

Uma pesquisa recente mostrou que o Brasil está na 5ª posição, entre vinte países, no ranking de violência contra a mulher, ficando atrás apenas de Rússia, Guatemala, Colômbia, e El Salvador¹¹⁷. Essa posição refletiu a realidade que as mulheres brasileiras acabam enfrentando, por isso o governo resolveu aproximar-se dos jovens colocando a violência contra a mulher no tema de redação da prova mais importante do país, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que teve quase 8,5 milhões de inscritos. Com a frase: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, o Ministério da Educação questionou soluções e reflexões a respeito do tema¹¹⁸.

A violência contra a mulher não é um fato novo, é tão antiga quanto a história da humanidade. O que passa a ser novidade é a preocupação em combater e superar os números alarmantes dessa violência. Passa a ser necessária uma melhoria no sistema de jurisdição e a punição aos responsáveis por propagar este tipo de violência. É fundamental a consolidação das estruturas que defendem a mulher, criando bases sólidas de acompanhamento, proteção e auxílio às vítimas e aos possíveis casos, colocando estas em segurança e punindo os agressores.

A capa de abril de 1976 da revista *Ms. Magazine* trazia um rosto com marcas de violência, um olho roxo e um olhar de tristeza, com a seguinte manchete: “*Battered wives – Help for the secret victim next door*”, traduzido para o português como “Esposas maltratadas – Auxílio à vítima oculta que está ao seu lado” (ANEXO D), chamando a atenção para a violência doméstica que crescia diariamente nos Estados Unidos. Pode-se fazer um questionamento a respeito da mídia dos anos 70 a respeito dos números assustadores que aumentaram consideravelmente nesses últimos 46 anos, e ainda não se tem uma solução convincente para o problema. Mesmo tendo iniciada a jornada de combate, a *Ms. Magazine* não conseguiu conscientizar os indivíduos, mas foi crucial para que se falasse sobre a violência para com o sexo feminino.

¹¹⁷ Dados retirados do relatório do Mapa da Violência de 2015, elaborado pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz com o suporte de instituições como a ONU.

¹¹⁸ Cf. http://agenciapatriagalvao.org.br/MapaViolencia_2015 acesso em: 14 de set. de 2016.

As editoras e responsáveis pela circulação da revista norte-americana já visualizavam tempos obscuros para as mulheres, e suas matérias chamavam a atenção para este fato. Maridos violentos, se viam no direito de praticar atos de violência contra as mulheres, pois estas não teria coragem de denunciar os abusos. Fatos como este que nos remete a década de 1970, entretanto os dias de hoje não possuem grande diferença. O medo das ameaças, do homicídio e de possíveis agressões aos filhos e familiares acabam por calar a voz das mulheres, que aceitam a violência por receio às consequências da denúncia¹¹⁹.

Retratar a figura de super-heroínas, como a Mulher Maravilha e a Mulher Gato podem representar uma forma de identificar e proporcionar um questionamento a respeito da violência contra a mulher. Mostrando assim, um diferencial para compreender essa forte discussão de gênero, com personagens que enfrentam a discriminação e a desigualdade perante aos homens.

A mulher não tem um destino biológico, pois é formada dentro de uma cultura que define qual é o seu papel. Durante muito tempo, a classe ficou aprisionada ao papel de mãe e esposa, sem possuir autonomia de escolher seu destino, apenas submissa à ideia de que o homem seria responsável pelas suas escolhas. A Mulher Maravilha surge para mostrar que a mulher pode ser autônoma e dona de si, lutando por sua liberdade, quebrando os ideias patriarcais e sem nenhuma dependência do sexo masculino, criando sua história baseado no empoderamento feminino.

“Não são mulheres”, embora tenham um útero como as outras. Todo mundo concorda em que há fêmeas na espécie humana; constituem, hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e contudo dizem-nos que a feminilidade “corre perigo”; e exortam-nos: “Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres”. Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? Ou estará congelada no fundo de um céu platônico? E bastará uma saia ruge-ruge para fazê-la descer à terra (BEAUVOIR. 1970, p.7).

Simone de Beauvoir em seu livro “O segundo sexo”, utilizava da ironia e do sarcasmo para retratar a presença feminina ao longo da história. Colocava por exemplo, a mulher como necessária para propagar a espécie humana, mas ao mesmo tempo salientava que nem todo o indivíduo do sexo feminino seria mulher. Neste ponto, o tom de sátira se referia aos ideais feministas que se espalhavam pelo mundo,

¹¹⁹ Cf. <http://newmanology.tumblr.com/search/ms> acesso em: 14 de set. de 2016.

deixando o lado dona de casa e esposa, para adquirir os ideais revolucionários em busca de igualdade. Seria, talvez, um questionamento às mídias que propagavam a necessidade da feminilidade, e que estas mulheres deveriam ser dependentes dos maridos, donas de casa e boas mães, que cuidam da aparência e do jantar. Beauvoir fala em 1949 com asticismo sobre um tema que a revista *Veja* retrata como um padrão exemplar de mulher.

Tanto as super-heroínas, como a revista *Ms. Magazine*, acabam por enfrentar essa onda antifeminista. Não era aconselhável mulheres com força, independentes e cheia de ideias, pois o propício seria fraqueza, sentimentalismo e dependência. No caso da Mulher Maravilha, esta enfrentou uma longa crise baseada na forte influência do gosto masculino, responsável pela escrita de suas histórias, que refletia exatamente o que o feminismo e o gênero desejavam exterminar, a desigualdade entre homens e mulheres. Isso se deu pela modificação do uniforme e as aventuras que ela passou a enfrentar¹²⁰.

No momento que diversas mídias questionavam se as lutas femininas eram realmente necessárias, a super-heroína passou a utilizar uniformes que favorecessem o corpo bem desenhado, erotizando e chamando a atenção para as suas curvas, fazendo menção à um padrão que agradasse os homens. Essa forma de se vestir foi seguida da criação da super-heroína, de 1940 até meados de 1968/70. Após, com o fortalecimento do feminino, e a busca por igualdade e liberdade, proporcionando a escolha do que vestir, da forma de se relacionar e os padrões que a mulher deseja seguir, a Mulher Maravilha passou a ser mais discreta, deixando de lado o short curto e o decote, passando a usar calças e mangas compridas. Para os seus escritores, esse deveria ser o modelo adequado para as demais mulheres. Após esse período, do ano de 1975 a 1990, Diana Prince variava de estilos, muito pelo grande crescimento da moda e, como influência, acabava por acompanhar as tendências e possíveis patrocinadores da sua HQ. A partir de 2010, o que passa a chamar atenção são as cores dos trajes, que vão deixando de ser extremamente patriotas, com cores da bandeira dos Estados Unidos, passando, aos poucos a ir cobrindo mais o corpo da amazona. Desta forma, passa a valorizar mais a história e os feitos heroicos do que propriamente o corpo. Cria-se um padrão, onde tanto os homens como as mulheres são conhecidos por seus poderes e batalhas, ao invés da erotização de seus trajes.

¹²⁰ Cf. <http://msmagazine.com/> acesso em: 18 de set. de 2016.

Tanto Batman, como Superman e Lanterna Verde cobrem o corpo inteiro, e a Mulher Maravilha era a exceção que vestia-se com roupas curtas. O conteúdo passa a ser mais importante do que a própria estética do corpo das super-heroínas (ANEXO E)¹²¹.

Essa questão do uniforme das super-heroínas pode ser utilizado para um comparativo da evolução dos ideais feministas e os que se opunham a ele. Essa mudança acontecia por forte influência das mídias, e das consequências que proporcionavam para o meio capitalista, afinal o meio quadrinístico possui grande atuação em diversos itens de consumo em massa. Assim como está próximo aos indivíduos, seja no próprio quadrinho, em alguma série de heróis, cinema, comercial, revistas e demais meios de propagação.

São fatos palpáveis às mãos da sociedade, que se mostram propícios a auxiliar no debate sobre gênero e feminismo, questionando os padrões estabelecidos. Identificando as semelhanças da *Ms. Magazine* com as revistas atuais, o que deu certo e o que deu errado, analisando a sua importância para incentivar a igualdade de gênero em um período extremamente conservador nos Estados Unidos da América, o que acaba por ter influência direta no Brasil.

A ideia de utilizar a Mulher Gato como forma de mostrar a autonomia feminina identifica que a anti-heroína não precisa da presença masculina para sobreviver nas ruas. Ela consegue utilizar da sua esperteza e desenvoltura para conseguir o que deseja, sem necessidade da força de um homem. Não se pode esquecer que a personagem faz parte da história de um dos maiores e mais queridos personagens da DC Comics, o Batman. E para uma personagem conseguir chamar a atenção, e conquistar uma revista solo, significa que seus ideais e modos de se portar agradaram os fãs em sua maioria¹²². Em suma, a personagem é autossuficiente, diferente do que se vê na vida real, se encontra na Mulher Gato, um indivíduo do sexo feminino que possui poder sobre o masculino. Essa fase autônoma da personagem acontece no período marcado pelo início da segunda onda do feminismo, onde a figura feminina passou a indagar o seu papel social. Entretanto, a erotização do uniforme e da forma de seduzir os homens para alcançar o que deseja, acaba por afastar a personagem dos ideais feministas em si, falando de padrões e sensualidade. Mesmo tratando de

¹²¹ Cf. www.halloweencostumes.com/blog/p-928-the-evolution-of-wonder-woman-infographic.aspx acesso em: 18 de set. de 2016.

¹²² Cf. IRWIN. Super-Herois e a filosofia, 2009.

utilizar sua beleza e luxúria, a mulher gato acaba por se destacar por ver barreiras em busca de liberdade e maneiras de realizar suas vontades¹²³.

Tanto no cinema como nos quadrinhos é necessário analisar a linha tênue que a personagem possui em seu feminismo aliado ao fetichismo¹²⁴, que são cruciais para compreender o enredo de suas histórias. A Mulher Gato se opõe ao padrão de mocinhas, ou heroínas padrões da época. Ela se mostra responsável por suas escolhas e sucessivamente as consequências, ela vive nas ruas de Gotham City, disposta a realizar qualquer tarefa para se sair bem, não é vítima, não é mocinha, é uma mulher forte, adepta ao crime, mas que preocupa-se com a sociedade. Ela representa as ideias feministas, mas é retratada culturalmente pela relação do poder cultural que os homens estabelecem nesse meio.

Mas uma questão imediatamente se apresenta: como tudo isso começou? Compreende-se que a dualidade dos sexos, como toda dualidade, tenha sido traduzida por um conflito. Compreende-se que, se um dos dois conseguisse impor sua superioridade, esta deveria estabelecer-se como absoluta. Resta explicar por que o homem venceu desde o início. Parece que as mulheres deveriam ter sido vitoriosas. Ou a luta poderia nunca ter tido solução. Por que este mundo sempre pertenceu aos homens e só hoje as coisas começam a mudar? Será um bem essa mudança? Trará ou não uma partilha igual do mundo entre homens e mulheres? (BEAUVOIR. 1970, p.15).

As duas ideias propostas, tanto na *Ms. Magazine*, como nas super-heroínas, fortalecem a de Beauvoir ao questionar esse diferencial, se realmente existe alguma distinção entre homens e mulheres, além do fator biológico. As mulheres necessitaram enfrentar diversas batalhas pela igualdade. Inúmeras não sobreviveram para ter os mesmos direitos que os homens, outras entregaram corpo, mente a causa sem esperar resultados. Mas não desistiram, colocando a igualdade entre os sexos frente à qualquer outro assunto, buscando no mais profundo abismo, o direito de ser livre, o direito de ser mulher.

¹²³Cf. OLIVEIRA. Mulher ao quadrado, 2007.

¹²⁴ Fetiche se refere a um objeto inanimado ou parte do corpo considerada como possuidora de qualidades mágicas ou eróticas.

CONCLUSÃO

Utiliza-se Simone de Beauvoir, Branca Alves, Jaqueline Pitanguy, Joana Maria Pedro, Joan Scott, Michel Foucault, Marc Bloch, e demais autores e autoras, para justificar o debate sobre gênero, algo amplamente crucial para a sociedade. Existe uma definição de menino ou menina que antecede o nascimento da criança. Estabelecem-se rosa, bonecas, casinha, cozinha e utensílios domésticos para o sexo feminino, enquanto o masculino é representado pelo azul, carro, bola, estetoscópio do médico ou o banco imobiliário. A menina fica em casa e o menino vai para a rua. Não se liga um ao outro, proporcionando momentos de trocas ou até mesmo de escolhas. A sociedade cria padrões e os indivíduos os seguem, sem pensar no favorecido e na prejudicada.

A história nos remete às mulheres esquecidas ou coadjuvantes. É necessário um levante, um motim, uma revolução ou três ondas feministas para que a sociedade passasse a observar o sexo feminino como igualitário ao masculino. Para, finalmente, desvincular a palavra mulher do conhecido sexo frágil. Termo este que é utilizado para estabelecer a dependência e submissão feminina, ao longo das épocas, recorrentes pela falta de direitos e carregada por obrigações. Ser feminina significa ser dona de casa, boa mãe, boa mulher, ou boa profissional.

Ao colocarmos a mulher frente a uma mídia de circulação em massa, como na revista *Ms. Magazine*, ou como super-heroína de destaque, dentro de um HQ só dela, passa-se a questionar os padrões sociais estabelecidos. A mulher é responsável pelo lar? Ela merece ganhar menos, realizando o mesmo trabalho que um homem? Divisão de tarefas, sim ou não? Questões como essa passam a se fazer presentes no imaginário das mulheres, em consequência disso começam a lutar por esses ideais. Criam-se laços em prol da igualdade de gênero, onde os homens passem a ver a mulher como igual, não inferior. O feminismo ganha força e adeptas, dispostas a mudar a história e mostrar o devido valor das mulheres¹²⁵.

Para que essa igualdade seja alcançada, tanto a Mulher Maravilha, como a Mulher Gato e a Mulher Gavião juntamente com os seus super-poderes, tiveram que enfrentar a misoginia e o preconceito por serem mulheres. Como aparato para a situação, a *Ms. Magazine* iniciou uma caminhada para propagar o feminismo popular

¹²⁵ Cf. IRWIN. *Filosofando com Super-heróis*, 2009.

e proporcionar às diferentes mulheres a chance de observar o quanto a sociedade se encontrava patriarcalmente hierárquico. Indagando se o marido violento seria culpa sua, se o abuso sexual é da responsabilidade das roupas que usa, se o matrimônio é imprescindível para a garantia de felicidade, se negar um jantar com o chefe seria antiético, ou se simplesmente escolher o rumo da própria vida fosse totalmente sem cabimento. Situações como essas citadas eram extremamente comuns no dia a dia das mulheres ao longo dos anos. A revista de Gloria Steinem e Dorothy Pittman Hughes, não foi o suficiente para que casos assim fossem extintos, mas ajudou diversas mulheres a compreender o quão erradas se encontravam na sociedade.

As super-heroínas viram-se rodeadas de heróis com roupas coloridas e vilões assustadores e, mesmo assim, foram abrindo espaço e conquistando seu lugar dentro dos quadrinhos. Mas para isso foi necessário o social observar a falta da figura feminina na arte¹²⁶ e colocar as mulheres como personagens para atrair tanto o público feminino, como o masculino. O primeiro objetivo foi este, mas a proporção da força feminina foi tão grande e bem aceita pelos leitores, que hoje, no século XXI, elas possuem os mesmos números de publicações de revistas e o mesmo sucesso com os fãs. Entretanto, nada disso seria possível sem as lutas anteriores, seja na Revolução Francesa, em alguma queima de sutiãs, na invasão ao jornal *Ladies' Home Journal* ou na luta das sufragistas¹²⁷. A *Ms. Magazine* e as diferentes super-heroínas são ferramentas úteis para a compreensão da luta por igualdade de gênero¹²⁸.

Diferentes mulheres não tiveram voz sobre suas histórias, calaram-se frente à desigualdade, violência e opressão; presenciaram a queima às bruxas, açoites, prisões, extradições, negação ao sufrágio como forma de sujeição e até salários menores com horas a mais de trabalhos. Mães solteiras, homicídios, assédios, discriminação e tantos outros fatores colocam o gênero como necessário para a compreensão em suas lutas. Tanto a *Ms. Magazine*, com seu pioneirismo, como as super-heroínas, com suas forças, refletem a busca por igualdade na sociedade. As mulheres buscam mostrar a importância da figura feminina e a sua representatividade, com o intuito de fornecer as próximas gerações um corpo social mais igualitário, sem distinção por gênero.

¹²⁶ Os quadrinhos são considerado umas das artes da humanidade, ao lado de cinema, literatura, pinturas, esculturas, etc.

¹²⁷ Sufragistas foi o movimento realizado por diversas mulheres em busca do voto feminino na Inglaterra.

¹²⁸ Cf. FERREL. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo*, 1998.

Falar a respeito dos enfrentamentos, inseguranças, confusões, assim como da ingenuidade e presente inadequação de uma mulher em sua época, nos mostra como cada reação feminina reflete a insegurança em seu dia a dia. Independente do momento histórico, distintas mulheres viveram submissas às vontades que lhes eram impostas. Mesmo não aderida por todas as mulheres, o feminismo foi responsável por conseguir diversos dos direitos adquiridos até hoje. Radical ou não, o movimento feminista retrata que as diferentes ondas ocorridas ao longo da história foram cruciais para dispormos da liberdade atual. Tudo isso nos remete à imposição que todas as mulheres recebem diariamente, seja num anúncio de sapato, creme de beleza, roupas, utensílios domésticos, etc. Que acabam tomando conta das rotinas, deixando a autonomia de lado para seguir os padrões.

Com o conservadorismo¹²⁹ e o fundamentalismo¹³⁰ retomando força, é imprescindível discutir gênero e, para isso, o caminho principal é falar sobre o presente tema nas escolas. Essa iniciativa pode acarretar em uma mudança no combate contra a desigualdade entre os sexos.

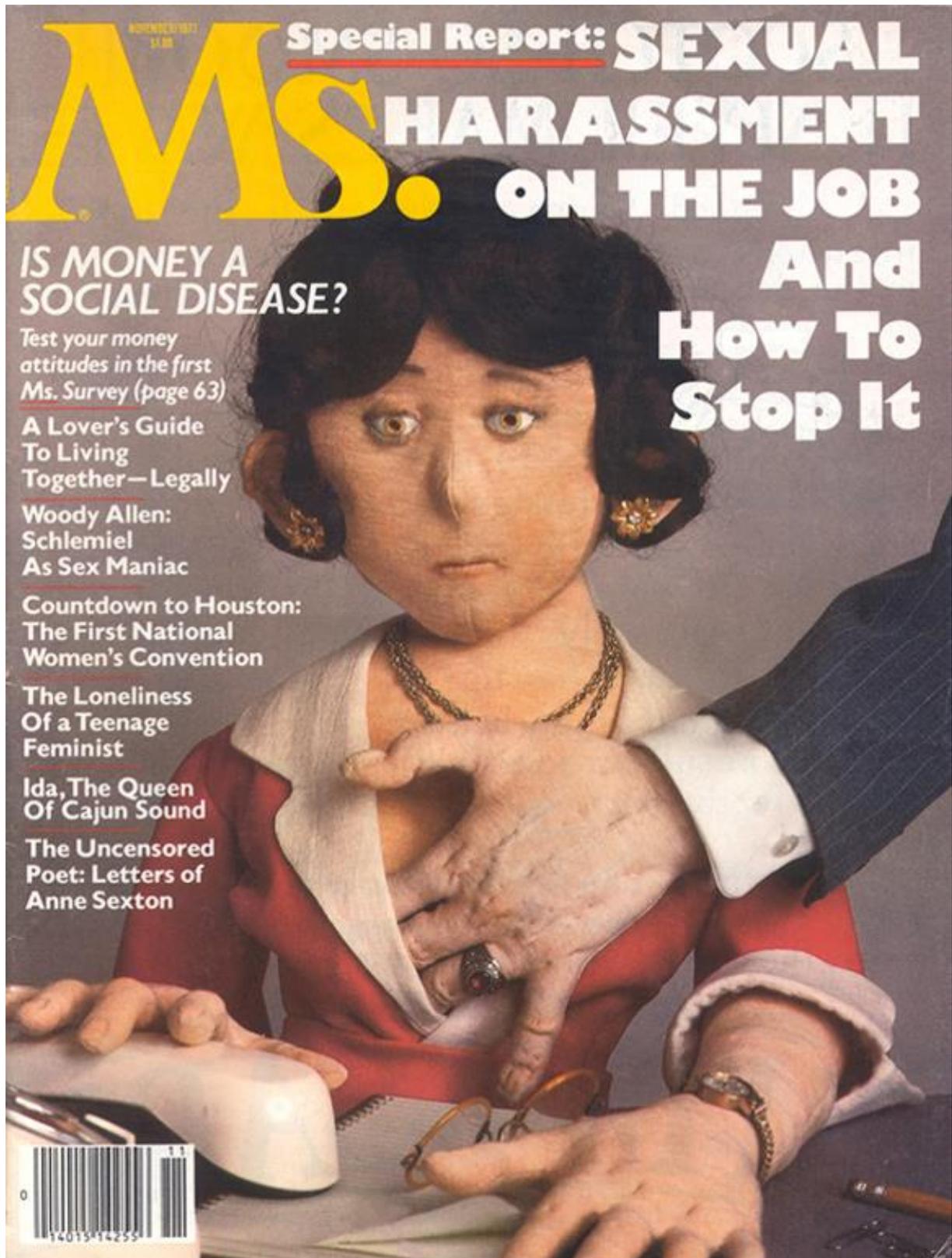
Sabe-se que o gênero é debatido em sala de aula, mas não em suficiente proporção. É necessário ir mais fundo, analisar o que causa essa desigualdade entre homens e mulheres, descobrir o porquê de, mesmo no século XXI, as mulheres ainda encontram-se em situação de violência e opressão. Se faz indispensável a busca por ferramentas didáticas, e de fácil compreensão, que auxilie as meninas a compreender o quanto essa luta feminina é longa, dolorida e fundamental para que, assim, se alcance a plena igualdade entre homens e mulheres. E, ao mesmo tempo, deve-se falar aos meninos sobre a compreensão a respeito do feminismo. Há necessidade de criar-se uma similitude entre os dois, um respeito mútuo, onde esteja claro que as mulheres não estão tentando tomar o lugar do homem, o desejo é apenas de se encontrar igualdade. Gênero é uma forma de classificar a nossa identidade, seja como feminina ou masculina. Socialmente construído, essa dicotomia se correlaciona com o sexo que o indivíduo tem no momento do nascimento, não se fixando apenas no “homem” ou “mulher”, mas nos coloca em uma relação de poder, e esta deve ser desconstruída com o debate de gênero em sala de aula.

¹²⁹ Conservadorismo é característica do que é conservador, avesso a mudanças.

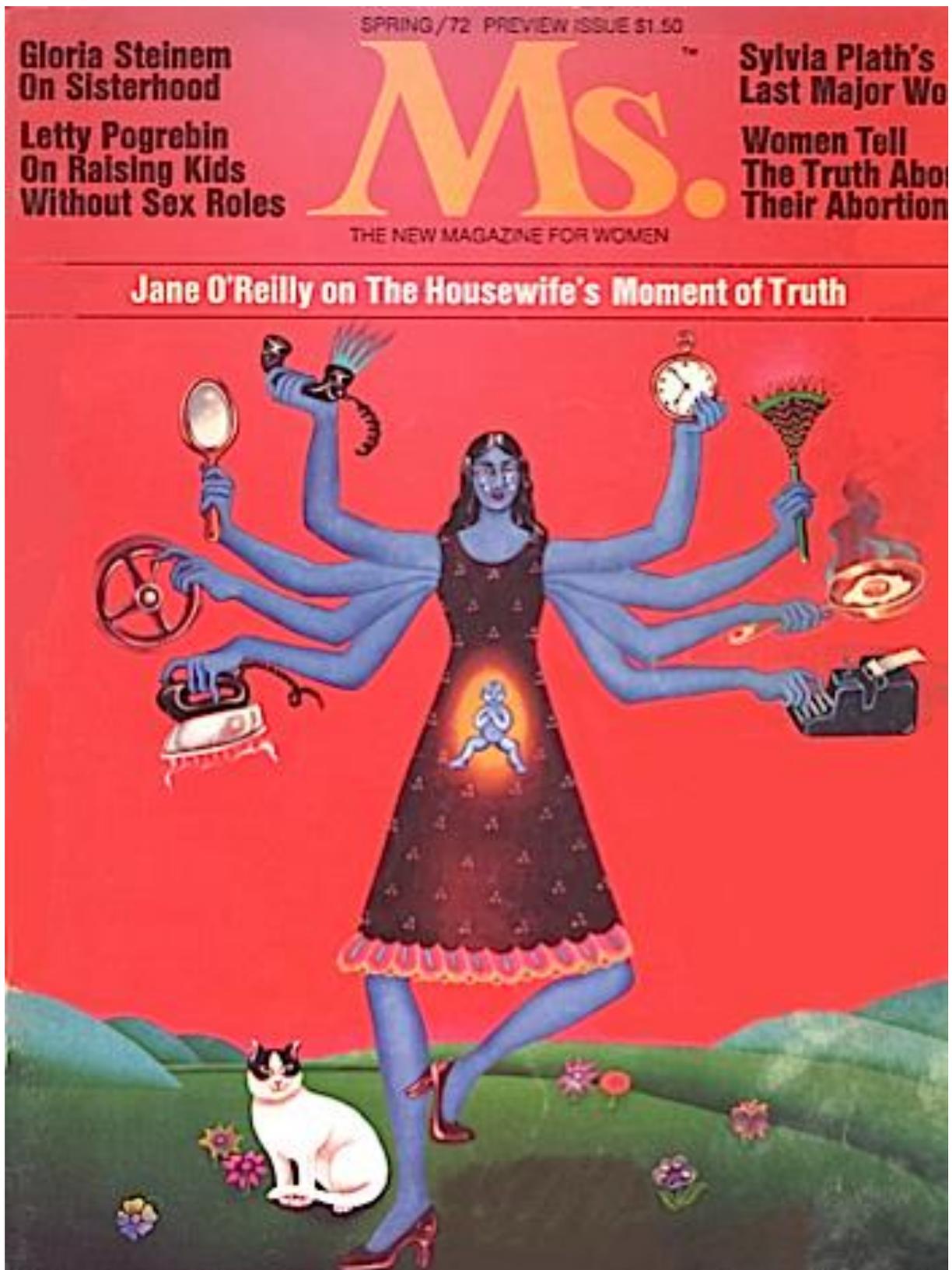
¹³⁰ Fundamentalismo é um movimento religioso e conservador, nascido entre os protestantes dos Estados Unidos no início do século XX, que enfatiza a interpretação literal da Bíblia como fundamental.

ANEXOS:

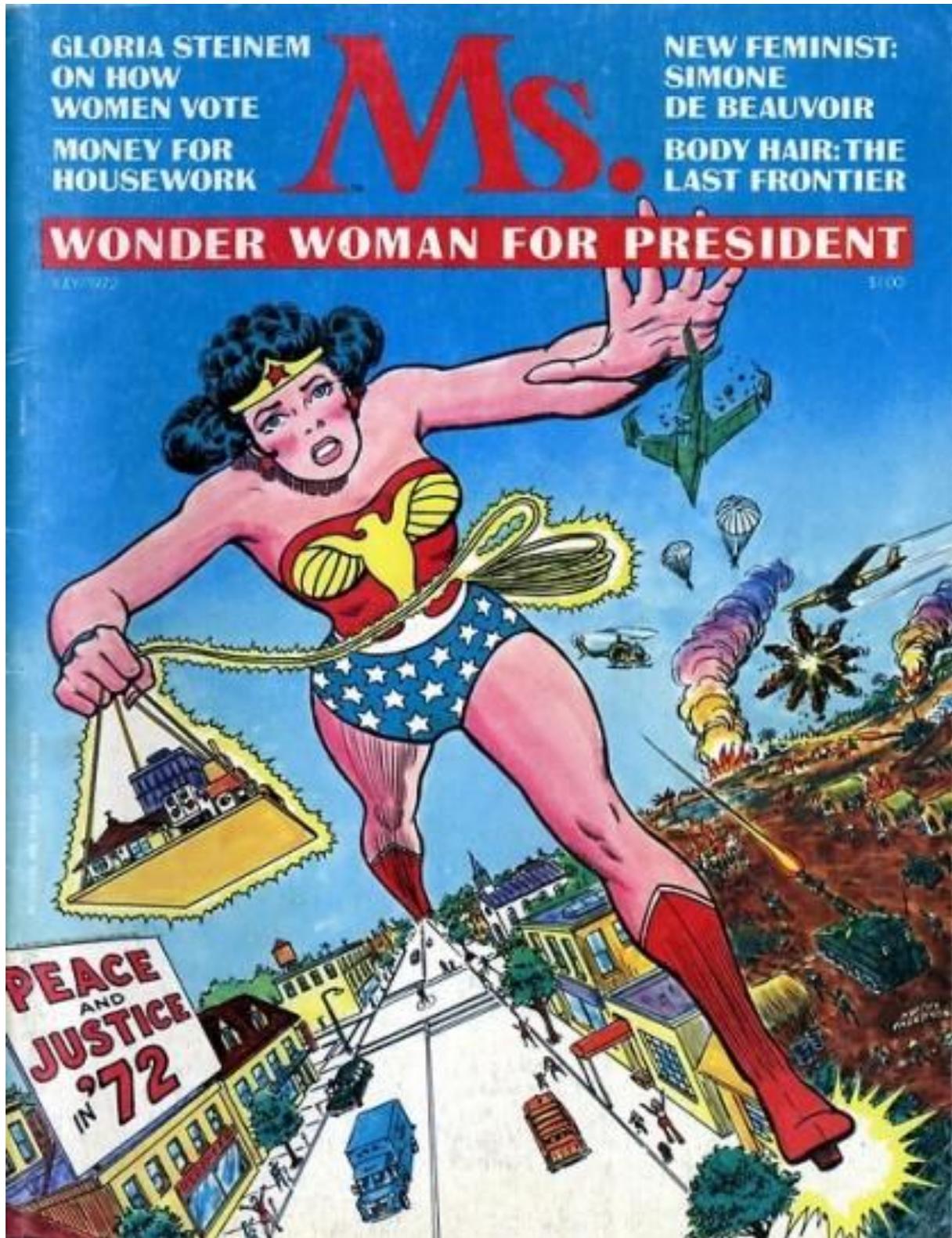
ANEXO A



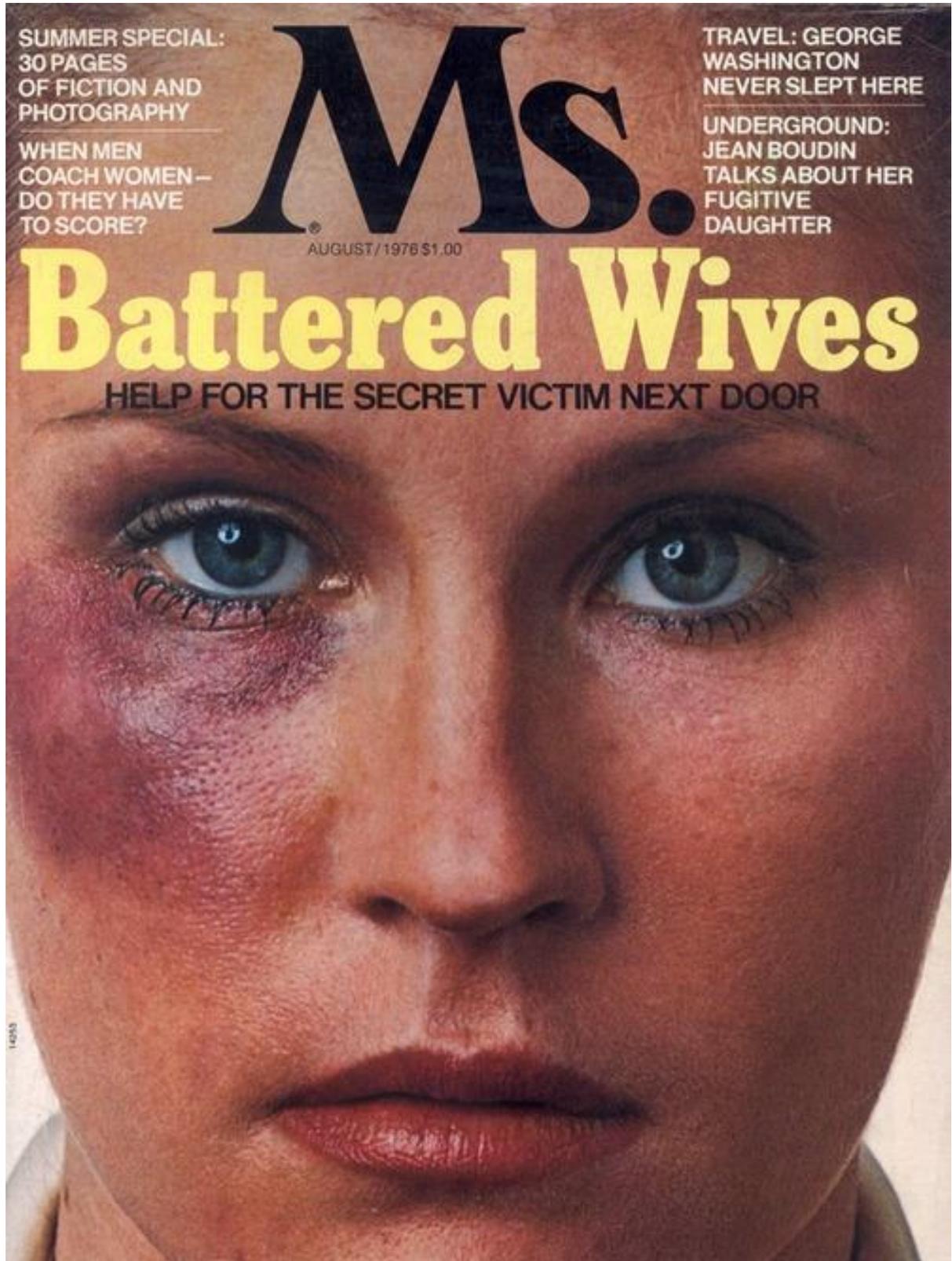
ANEXO B



ANEXO C



ANEXO D



ANEXO E



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ 75 ANOS ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

A EVOLUÇÃO DA MULHER MARAVILHA

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ 1941-2016 ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Todo mundo sabe como a Mulher Maravilha se parece. Seu traje é imediatamente reconhecível, tanto é que, na verdade, poucos realmente percebem quantas vezes ele foi alterado. Este é um resumo de cada traje que Diana Prince usou como Mulher-Maravilha nos quadrinhos e em uma cultura mais ampla.

(excluindo universos alternativos e projetos cancelados).

		
1941 A IDADE DE OURO	1942 A IDADE DE OURO II	1949 A IDADE DE OURO III
O traje da Mulher Maravilha foi projetado por HG Peter com a ajuda do escritor William Moulton Marston e editor MC Gaines. Os super-heróis patrióticos eram uma tendência grande naquele tempo (o capitão América apareceu este mesmo ano), então a equiparam em listras e em uma agulha calva em seu peito.	O que antes parecia ser uma sala foi realmente culotes: shorts de perna larga usado por atletas do sexo feminino. Estes se transformaram gradualmente em shorts apertados da pele. Pode soar engraçado pelos padrões de hoje, mas o quadrinho terminou no topo de uma grande lista de livros proibidos devido a ela "não estar vestida suficientemente."	O esboço inicial do traje de Peter teve a Mulher Maravilha com sandálias inspiradas da Grécia, com corcêias na perna e saltos, mas Marston preferiu botas. Dois anos após a morte de Marston, as sandálias apareceram de repente nos quadrinhos, sem calcanhares e com tiras separadas. Seus shorts diminuíram gradualmente no comprimento.
		
1959 A IDADE DE PRATA	1969 A IDADE DE PRATA II	1972 A IDADE DE PRATA III
Peter morreu em 1958, depois de um período de dezesseis anos no livro. Ross Andru tornou-se o novo artista principal, permanecendo assim por nove anos. Dentro de um ano, as sandálias foram trocadas por botas, e a agulha previamente detalhada empoleirada em seu cinto - já simplificado após a morte de Marston - tornou-se ainda mais simples.	Com Andru seus shorts lentamente se transformaram em cuecas. As botas vermelhas retornaram perto do final de sua jornada (sem faixa branca), mas a reunião não duraria muito. Três anos mais tarde, a Mulher Maravilha desistiu de seus super-poderes e trajes a favor do combate às artes marciais e roupa civil inspirada na moda.	Gloria Steinem, fundadora da revista feminista MS, fez uma campanha para restaurar os poderes e trajes de sua heroína de infância. O traje retornou com ajustes menores: ela recebeu um cinto de ouro, panteiras azuis, saltos pesados, cabelo ondulado e cuecas de alto corte. Esta aparência foi a base para seu projeto em <i>Super Amigos</i> .



1974
FILME DE TV

O filme feito para TV *Mulher Maravilha* apresentou uma Mulher Maravilha que não tinha poderes, semelhante à "moderna" era dos quadrinhos, mas continha algumas diferenças. A maior diferença (além de Cathy Lee Crosby ser loira) foi o traje projetado por Bill Thomas, uma renúncia dramática do que tinha vindo antes.



1975
PROGRAMA DE TV

Quando o filme de TV não foi o sucesso que a ABC esperava, eles entraram em uma nova direção, mais perto dos quadrinhos dos anos 40 - muito mais perto, na verdade, isso aconteceu nos anos 40. Lynda Carter usava um design feito por Donfeld, com sua interpretação da águia empoleirada original, estrelas espalhadas em um estilo *pop art* e - pela primeira vez - pulseiras de prata.



1977
PROGRAMA DE TV II

A ABC foi contra renovar para uma segunda temporada. Quando a série se mudou para a CBS, o personagem também se moveu para o presente. Donfeld atualizou a águia para se assemelhar à águia dos quadrinhos, e também cortou suas cuecas mais curtas. As botas brancas listradas não só foram transportadas para o dia de hoje, mas também para os quadrinhos.



1982
IDADE DE BRONZE II

Promovida para a presidência da DC Comics, Lisette Kahn encontrou um novo emblema peitoral para Mulher Maravilha pelo designer gráfico Milton Glaser, que também fez o modelo do logo da DC Comics usado de 1977 a 2005. As variações no logotipo empilhado "WW" têm sido centrais para todos os trajes desde então.



1987
PÓS-CRISE

O universo DC foi reiniciado após *Crisis On Infinite Earths*. George Pérez acrescentou um segundo ponto ao cinto e tiara da Mulher Maravilha, e dramaticamente alongou seu cabelo. Seus braceletes azuis se tornaram braçadeiras de prata e, mais notavelmente, os calcanhares em suas botas desapareceram e nunca voltou nos quadrinhos.



1994
PÓS-CRISE II

Na década de 90, a Wonder Woman tornou-se um dos livros de menor venda. Como resultado, Mike Deodato, Jr. recebeu muita liberdade criativa e, gradualmente, cortou a parte superior do top mais para baixo e suas cuecas mais altas. Ele chegou a dar-lhe uma tanga, observando: "Toda vez que o biquíni era menor, as vendas ficam mais altas."



1995
PÓS-CRISE III

Ao invés de destituir de ser Mulher Maravilha depois de ser despojada de sua tiara, ela simplesmente mudou seu equipamento e continuou. "Todo mundo não gosta desse traje, incluído eu, mas foi o que foi pedido na época." Disse o designer Brian Bolland. "Eu só queria desenhá-la com o uniforme original."



1995
PÓS-CRISE IV

John Byrne voltou à aparência clássica, mas fez algumas modificações próprias. Ele aumentou o tamanho de seus braceletes, tiara, biquíni e cinto, ampliando o último em uma cobertura abdominal completa. O emblema do peito tornou-se mais angular, enquanto o biquíni foi reduzido a um mais fácil-de-desenhar duas estrelas.



1998
PÓS-CRISE V

Após a jornada de Byrne, o traje voltou mais para trás para um olhar pós-crise, mas com um corte de biquíni e cachos ondulados. O artista da capa, Adam Hughes representou o emblema no peito da Mulher Maravilha como uma única forma sólida, sem detalhes gravados e, controversamente, fez suas botas parecerem soltas e flácidas.

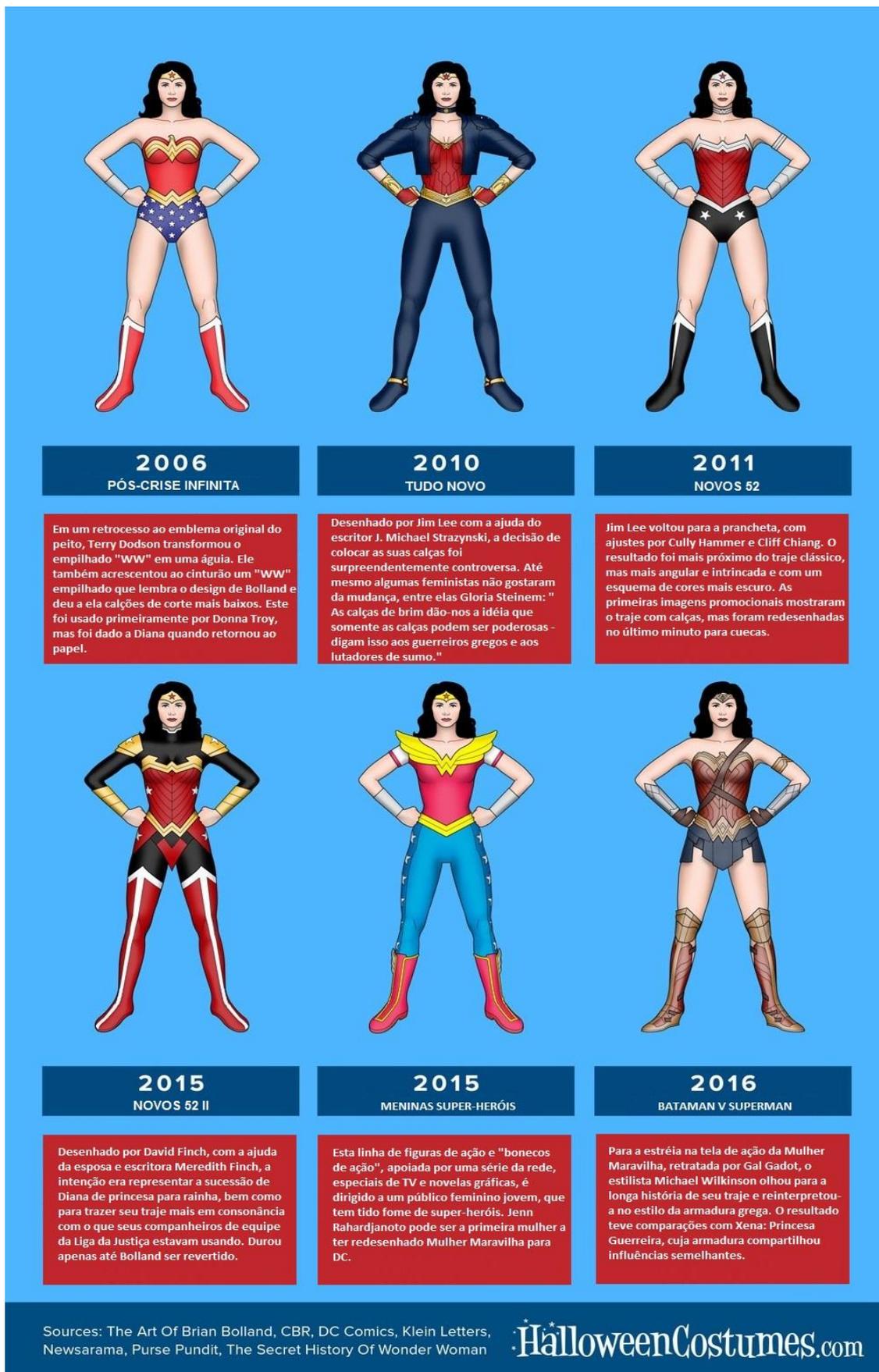


Figura 1- Traduzida do site HalloweenCostumes.com - Original em: <http://www.halloweencostumes.com/blog/p-928-the-evolution-of-wonder-woman-infographic.aspx>

REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 2007.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. v.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BOLTON, Lesley. **O livro completo da mitologia grega**. São Paulo: Madras, 2004.
- FARREL, Amy Erdmann. **A Ms. Magazine e a promessa do feminismo**. Estados Unidos da América, Carolina do Norte: Oxford University Press, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2003.
- GOUGES, Olympe de. **Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã**. França, 1791.
- Hirata, HELENA (org). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo. UNESP. 2009
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos - o Breve Século XX - 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- IRWIN, William. **Super-Heróis e a Filosofia**, São Paulo: MADRAS,2009.
- KNOWLES, Chistopher. **Nossos Deuses são Super-Heróis**. Estados Unidos da América: Cultrix, 2008.
- LEPORE, Jill. **A História Secreta da Mulher-Maravilha**. Estados Unidos da América: Vintage, 2014.
- MATOS, Olgaia C. F. **A escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo**. São Paulo. Moderna, 2005.
- MURRAY, Margaret. **O Culto das Bruxas na Europa Ocidental**. Madras, 2003.
- OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. **Mulher ao quadrado: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos**. Brasília: EDUNB/Finatec, 2007.
- PEDRO, Joana Maria. **Historicizando o gênero**. São Paulo: UNESP: ANPUH, 2008.
- PINTO, Celi Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2016.
- ROUSSEAU. Jean Jacques. **Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.
- SANTOS, S. M. M. ; OLIVEIRA, L. S. . **Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços**. Revista Katálysis (Impresso), v. 13, p. 11-19, 2010. v. 13, p. 11-19, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2013.

SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria de análise histórica**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1995.

WESCJEMFELDER, Gerson. **Filosofando com os Super-heróis**. Mediação: Porto Alegre, 2011.

REVISTAS

Ms MAGAZINE. Estados Unidos da América: Ms. Revista. 1972/1989. v.0 v.1 n.1, 1972.

Ms MAGAZINE. Estados Unidos da América: Ms. Revista. 1972/1989. v.2 v.1 n.2, 1972.

Ms MAGAZINE. Estados Unidos da América: Ms. Revista. 1972/1989. v.90 v.91 n. 90, 1976.

VEJA. Brasil: Abril. 1968/2016. v.2474. v. Edição Extra/abril-2016. n.49.

SITES:

2016 MARVEL. **Marvel** < <https://marvel.com/> > acesso em 20 de set. 2016.

2011 INEP. **ENEM 2015** < <http://portal.inep.gov.br/enem> > acesso em: 25 de out. 2016.

A WARNER BROS ENTERTAINMENT COMPANY. **DC Comics**. < <http://www.dccomics.com/> > acesso em 19 de set. 2016.

ABRIL MÍDIA S A. **Veja.com** <<https://acervo.veja.abril.com.br/> > acesso em: 23 de out. 2016.

COPYRIGHT 2011. **Jornal Maria Quitéria** < <http://resistirepreciso.org.br/alternativa/maria-quiteria-boletim-do-cba-anistia-correio-da-manha/> > acesso em: 25 de out. 2016.

GOVERNO FEDERAL. **Secretaria de políticas para mulheres**. < <http://www.spm.gov.br/> > acesso em 24 de out. 2016.

GUIA DOS QUADRINHOS - DESIGN E DESENVOLVIMENTO: EDSON DIOGO. **Guia dos Quadrinhos**. < [http://www.guiadosquadrinhos.com/capas-dos-gibis-na-odrem-original-de/wonder-woman-\(1942\)/2457](http://www.guiadosquadrinhos.com/capas-dos-gibis-na-odrem-original-de/wonder-woman-(1942)/2457) > acesso em: 18 de set. 2016.

HQ CAFÉ DE QUADRINHOS. **HQ Café.** < <http://hqcafe.com.br/outros/os-uniformes-da-mulher-maravilha/> > acesso em: 24 de out. 2016.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Agência Patricia Galvão.** < <http://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/dados-e-pesquisas-violencia/dados-e-fatos-sobre-violencia-contra-as-mulheres/> > acesso em: 23 de out. 2016.

MS. REVISTA. **Ms. Mais do que uma revista, um movimento.** < <http://msmagazine.com/> > acessado em: 10 de set. 2016.

OUTROS QUADRINHOS **Outros Quadrinhos.** < <http://outrosquadrinhos.com.br/> > acesso em: 19 de set. 2016.

POWERED BY TUMBLR. **Newmanology tumbler.** < <http://newmanology.tumblr.com/> > acesso em: 24 de out. 2016.

CMS WORDPRESS. **Quadro a quadro.** < <http://quadro-a-quadro.blog.br/por-que-quadrinho-e-a-nona-arte/> > acessado em: 07 de out. 2016.

SFB – **Sociedade Federativa Brasileira.** <http://sfb-br.org/midia_o_que_e.htm > acesso em: 06 de out.2016.